



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Rodrigo Torres do Nascimento

Dando pinta: Juventude viada das periferias às redes!

Rio de Janeiro

2017

Rodrigo Torres do Nascimento

Dando pinta: Juventude viada das periferias às redes!



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientador: Prof. Dr. Aldo Victorio Filho

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEHB

N244 Nascimento, Rodrigo Torres do.
Dando pinta : juventude viada das periferias às redes! / Rodrigo Torres do Nascimento. – 2017.
83 f. : il

Orientador: Aldo Victorio Filho.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Minorias sexuais – Teses. 2. Juventude - Atitudes – Teses. 3. Periferias – Teses. 4. Beleza física (estética) – Aspectos sociais – Teses. 5. Redes sociais online - Teses. I. Victorio Filho, Aldo. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 7.011.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Rodrigo Torres do Nascimento

Dando pinta: Juventude viada das periferias às redes!

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 07 de março de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Aldo Victorio Filho (Orientador)
Instituto de Artes – UERJ

Prof. Dr. Roberto Corrêa dos Santos
Instituto de Artes – UERJ

Prof. Dr. Aristóteles de Paula Berino
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

A Inês Brasil e ao Bonde das Bonecas.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Aldo Victorio Filho, por ter aceitado realizar essa pesquisa em conjunto comigo e com enorme dedicação.

À Inês Brasil, por ser tão importante na vida de milhares de jovens.

Ao Bonde das Bonecas, por espalhar sua beleza pela rede.

À minha mãe, Nilza Torres, por todo o esforço e contribuição aos meus estudos.

À toda minha família, em especial a Millena, Edilson e Reginaldo.

Ao meu amor, Átila Mourão Lima, por ser um grande companheiro.

Aos meus grandes amigos, Daniel S. Lopes, Nabylla de Castro e Pedro Henrique Borges por fazerem parte sempre dos melhores momentos da minha vida, além de sempre me ajudarem com conselhos e companheirismo.

Às minhas queridas amigas de mestrado, Pâmela Souza e Marê Travassos.

Aos queridos professores, Roberto Corrêa dos Santos e Aristóteles Berino, por aceitarem fazer parte desse momento.

A todo corpo de funcionários, estudantes e professores do Instituto de Artes da Uerj.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

À Presidenta eleita com 54 milhões de votos, Dilma Rousseff.

É aquele ditado né: Todo mundo é gente mas ninguém é igual, mas temos o coração limpo então 'samos' tudo normal.

Inês Brasil

RESUMO

NASCIMENTO, Rodrigo Torres do. **Dando pinta**: juventude viada das periferias às redes!. 2017. 83f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

A admiração e o afeto que sinto por ídolos de uma significativa parcela da juventude me conduziram a essa pesquisa. Autores de visualidades inoportunas, transgêneras, raciais, panraciais, transculturais e viadas, são o ponto central desta pesquisa. Por meio dela, busco enaltecer suas belezas, que nada tem haver com o que se entende por belo e agradável ao olhar pelas classes dominantes, mas a beleza da diferença e de se fortalecer através dela. Ao longo dessa busca, procurei conhecê-los mais e também divulgar suas belas potências, tomadas aqui como verdadeiras armas contra todo tipo de discriminação, violência, racismo, machismo e LGBTfobia. Essas imagens que emergem principalmente no ambiente virtual da internet são, para esses jovens, verdadeiras armas/imagens e eles tem se utilizado delas como importantes formas de valorização, cada vez mais necessária, da diferença, servindo para emergir meio as juventudes, novas formas de se pensar, de se posicionar e de se identificar na sociedade.

Palavras-chave: Diferença. Viadagem e cultura visual.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Rodrigo Torres do. **Camp it up: faggot youthness from the outskirts to the social networks!**. 2017. 83f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The admiration and affection I feel for idols of a significant portion of youth led to this research. Authors of inopportune visualities, transgender, racial, panracial, transcultural and fags are the focus of this research. Through it, I seek to extol its beauties, which has nothing to do with what is meant by beautiful and pleasant to look at by the dominant classes, but a beauty from the difference and to be reinforced through it. Throughout this research, acquire to know them more and also spread their beautiful powers, taken as real weapons against all kinds of discrimination, violence, racism, machism and LGBTophobia. These images that are shown mainly in the virtual environment of the Internet are, for young people, the true weapons / images and the elements are used as important ways of valorization, increasingly useful, of the difference, serving to emerge in the youth, new forms of thinking, positioning and identifying in the society.

Keywords: Difference. Faggotness and visual culture.

RESÚMEN

NASCIMENTO, Rodrigo Torres do. **Dando pinta**: juventud mariconas de las periferias hasta las redes!. 2017. 83f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

La admiración y el afecto que siento por ídolos de una significativa porción de la juventud me condujeron a hacer esa pesquisa. Autores de visualidades inoportunas, transgéneras, raciales, panraciales, transculturales y mariconas son el punto centrale de la investigación. Por medio de esta, busco ensalzar sus bellezas, que no se relacionan en nada com la idea de bello y agradable al punto de vista de las clases dominantes, pero la belleza de la diferencia e da posibilidad de fortalecerse por medio de esta. A lo largo de esta búsqueda, quise conocerlos más y también revelar sus bellezas y poderes que son tomados por la investigación como verdaderas armas contra todo el tipo de discriminación, violencia, racismo, machismo y fobia LGBT. Estas imágenes que emergen principalmente en el entorno virtual de la internet son, para estos jóvenes, verdaderas armas\imágenes. Ellos se utilizan de ellas como importantes formas de apreciación de la diferencia, tendo como función la emersión, entre las juventudes, nuevas maneras de pensar, de posicionarse y identificarse en la sociedad.

Palabras clave: Diferencia, *Viadagem* y Cultura visual.

SUMÁRIO

	É aquele ditado, “vamo” fazer o quê?.....	10
	Então “vambora” fazendo!	19
1	ARRASA VIADO!	22
1.1	Juventudes	28
1.2	O Bonde: uns entre tantos	32
1.3	Embates no Funk	34
2	PEDAGOGA DA DIFERENÇA	40
2.1	Inês Brasil, muito prazer!	44
3	AS REDES	53
3.1	Se me atacar, eu vou atacar	64
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	LISTA DE IMAGENS	78
	REFERÊNCIAS	81



***Mas é aquele ditado,
vamo faze o que?***

É aquele ditado, “vamo” fazer o quê?¹

O gênero, a raça, a sexualidade e suas diversidades sempre foram questões muito relevantes em meu pensar, criar, pesquisar e intervir. Ao ingressar em uma faculdade de Artes no início de 2010², todas essas questões entraram em efervescência em meio às muitas experiências e atividades que o novo panorama experiencial me oferecia.

Junto com meus companheiros de curso e integrantes do Centro Acadêmico do Instituto de Artes – Caia Uerj, conheci e passei a admirar personagens, performers, jovens, artistas que abrigam, em seus corpos e em suas falas, interrogações, desejos, prazeres que lhes dão indiscutível centralidade em meio à problemática contemporânea de gênero, raça e sexualidade. Entrei em contato aí com um conjunto amplo de questões que desafiam não só o meio acadêmico, como também as escolas da Educação Básica em todas as suas redes - públicas ou particulares, da periferia ou não-, e se manifestam intensamente nas redes sociais virtuais.

¹ Frase celebre de Inês Brasil pronunciada em um de seus vídeos.

² Cursei entre 2010 e 2014 o curso de bacharelado em Artes Visuais e, entre 2012 e 2016, o curso de licenciatura em Artes Visuais, ambos no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A admiração e o afeto que sinto por muito desses sujeitos, uns artistas, outros nem tanto, uns verdadeiras celebridades, outros relevantes subcelebridades, me trouxe até aqui. Graças a eles, encontrei algo que me motivou pesquisar e dar sentido à continuidade de meus estudos na pós-graduação. Esses sujeitos, com suas imagens marcantes e visualidades inusitadas, me provocam a buscá-los, conhece-los melhor e também a divulgar suas belezas e potências.

Em minha pesquisa, a beleza é entendida como energia que todos temos e podem desenvolver ao longo da sua existência, seja sobre o próprio corpo ou sobre as próprias ações - beleza para além dos padrões hegemônicos que se manifestam como fulguração vital e produtora de existências fortes, que durante este tempo fui encontrando. Nesse sentido, refiro-me não à beleza como qualidade estética acordada pelos princípios hegemônicos de legitimação cultural, e sim à beleza como criação espontânea que amalgama indivíduo e coletivo, na produção de suas existências para além das agruras do desfavorecimento econômico e social. Beleza como afirmação da vida em fluxo poético, a despeito dos obstáculos e adversidades que são impostas aos seus autores, na medida em que muitas das suas condições lhes tornam alvo de toda sorte de violência, preconceito e marginalização.

Não se trata, portanto, da beleza reduzida aos aspectos formais, mas, como força e fundamento de uma política específica que se desenvolve na agudeza das periferizações da cidade e da indiferença das políticas públicas. Encontro na beleza, deste modo expandida, a marca de saberes indispensáveis à atualização e alargamento do conhecimento sobre a complexidade da sociedade brasileira, sobretudo aos que se dedicam à Educação e, em especial, ao ensino da Arte.



Nesse processo de busca, reconheço-me, antes de tudo, reitero, como autor afetado pela admiração por esses artistas. Portanto, não seria justo realizar uma pesquisa que de alguma forma tentasse falar por eles, o que seria silencia-los em nome de uma pretensa fala mais qualificada. A qualidade da minha fala seria justo destacar a legitimidade e importância

da obra dos sujeitos com os quais busco dialogar. A presente pesquisa, deflagrada a partir da admiração por determinados artistas se apoia no circuito de afetos (SAFATLE, 2016) que une, mesmo que invisivelmente, silenciosamente, discretamente, pessoas geografica e culturalmente aparentemente distantes.

Os jovens admiradores dos artistas aos quais me refiro não precisam necessariamente de mim, de minha pesquisa ou de qualquer respaldo acadêmico ou historiográfico que ouse produzir algo longe de suas realidades cotidianas, ainda mais com a pretensão de afirmar a importância do que acontece em seus locais de vivência. E quanto aos artistas que compõem o universo cultural destes jovens, como artistas que são, já são reconhecidos e admirados por multidões que os tomam como referência positiva para suas trajetórias, dispensando, deste modo, a construção de argumentos acadêmicos que lhes traduzam ou justifiquem.

Esses artistas encontraram maneiras próprias de se promoverem e utilizar produtivamente o que poderia ser considerada, na visão normativa e conservadora, fragilidade e pobreza. De certa forma, surpreendentemente, é dos aspectos que os marginalizariam que



produzem força não só para si, mas também para seus admiradores. A arte que produz realiza elos sociais, encontros identitários que contribuem para a constituição do sentimento de coletividade, de pertencimento e identificação tribal (MAFFESOLI, 2000).

A admiração destinada a um artista, ou outro acontecimento cultural, funciona como elemento de ligação coletiva indispensável à elaboração de abrigos identitários. Não necessariamente, contudo, de clausuras identitárias, mas, espaços-tempo de afinidade e proteção, no qual o jovem transita por tempos variados para se fortalecer e estabelecer laços entre seus semelhantes.

Nesse sentido, me incluo como um dos admiradores da afirmação, cada vez mais necessária, da diferença. Diferença evidente já nas visualidades que oferecem esses artistas como uma saudação à vida, ao afeto e à sua representatividade em meio às visualidades já estabelecidas.

Quanto ao público dos artistas que referenciam esse trabalho, é preciso, antes de tudo, refutar o julgamento desqualificador das suas propostas e soluções estéticas, que fogem aos modelos estéticos da fantasia burguesa e pretensiosamente superior. Como a afirmação de Stuart Hall (2009) em relação a uma redução da cultura popular à sua autonomia pura ou total encapsulamento, “... *as pessoas comuns não são tolos culturais, elas são perfeitamente capazes de reconhecer como as realidades da vida da classe trabalhadora são reorganizadas, reconstruídas e remodeladas pela maneira como são representadas*” (HALL, 2009).

A escolha pela diferença não é uma concessão e sim o reconhecimento de que a igualdade é apenas um artefato político por meio do qual se justificaria a exclusão e a hierarquização das existências. Contudo, as diferenças, ou seja, as pessoas que se autocriam em dissonância ou desobediência aos padrões dominantes, são estigmatizadas e apontadas como seres desviantes, anômalos e culpabilizados apenas por serem o que são. Por serem, além de humanas como qualquer outro, suportes orgulhosos de suas criativas qualidades, visualidades inoportunas, transgêneras, raciais, panraciais e transculturais, que compõem a argumentação definitiva da impossibilidade de uma diferença localizável e legitimamente destacável. Afinal, a esfera humana é inexoravelmente composta por diferentes, por singularidades que materializam a unidade de cada uma existência.

As visualidades que fogem ao conforto da estética hegemônica denunciam a fraude de uma suposta igualdade cujos padrões, como alertamos, fossem autorizados a excluir ou mesmo beneficiar aos que apontam como dessemelhantes. Os artistas sobre os quais deitamos nosso olhar confessadamente afetado criam corajosamente, excêntricas imagens de si. E a criação dessas imagens, bem como de suas canções e performances, são inegavelmente operações poéticas que possuem corpos e desejos como substância, realizam acontecimentos genuinamente artístico compreendendo que a criação artística não é apenas o que vem a ser legitimado pelo circuito das artes ou pelos manuais do “bom gosto” burguês. Assim, uma *artividade* rebelde, inusitada e atraente para muitos emerge e se firma a despeito do contraste de suas produções frente ao que reza a concepção hegemônica de Arte, a qual, ainda que claudicante, se mantém euro referenciada e tributária à erudição e gosto burguês, masculino e branco.

De acordo com Roger L. Taylor em seu livro *Arte Inimiga do Povo* (2006), a Arte não passaria de uma jogatina de cenas das classes dominantes para impor seu estilo de vida e vendê-lo como algo elevado e superior ao demais estilos predominantes nas classes populares. Para Taylor (2006), durante o passar dos séculos, o que se considera arte foi sendo ajustado pela religião e pela nobreza na tentativa de defender os seus valores, que deveriam ser vistos pelo restante da população como a verdade absoluta. Com a ascensão da burguesia ao poder, o conceito foi sendo apropriado e alinhado ao exclusivo interesse dessa nova classe.



Dentre os muitos artistas que compõem a constelação que interessa à pesquisa, escolhemos o grupo de funk Bonde das Bonecas e a performer e professora de dança Inês Brasil para defender nosso entendimento a respeito de sua arte e da sua importância no universo juvenil contemporâneo, dito desviante, viado³, bicha, sapatão, etc.

³ A palavra veado, por ser pronunciada com /i/ tem sua grafia alterada para viado por muitos jovens na rede, por isso optamos por utiliza-la tal qual eles a utilizam.

O grupo funk Bonde das Bonecas é composto por sujeitos e suas realizações artísticas envolvem o cuidado de si (FOUCAULT, 2002) na invenção visual de seus corpos. As coreografias e canções que apresentam são referência para o entendimento de arte que conduz esta pesquisa. Todos os componentes do Bonde são oriundos de Cinco Bocas, uma favela da Zona Norte do Rio de Janeiro. Trazem um outro modo de ser carioca que, embora fuja da estética dos postais turísticos, é de indiscutível autenticidade. O modo de ser desses jovens é incomparavelmente mais real que as imagens vendidas nas agências de turismo e demais publicidades comerciais. Envolve e representa um número formidável de jovens infelizmente ainda vistos sob as lentes do preconceito, da homofobia, do racismo e da transfobia.



O Bonde, além de possuir um excelente e peculiar repertório musical, dispõe de um acervo imenso de imagens e videoclipes de suas performances publicados na internet. A produção do primeiro videoclipe, que nos primeiros dois meses de divulgação recebeu mais de três milhões de visualizações se tornou um “viral”⁴ na internet, e fez sesses jovens um mito para significativa fração da juventude. Jovens que hoje não deixam de assistir e reassistir seus vídeos, imitam suas coreografias e veem no grupo um emblemático exemplo de que, apesar de todo preconceito que a juventude negra, pobre e sobretudo LGBT é alvo, é possível alcançar e ousar a liberdade de expressar o que se deseja e se identifica.



Em meio ao panorama da juventude do qual emerge o Bonde das Bonecas, encontramos um consistente grupo de outros sujeitos que se tornaram verdadeiros ídolos apoiados em visualidades desafiadoras e quase opostas ao gosto adestrado, que as veem como grotescas e inapropriadas. Afinal as propostas estéticas do Bonde, e demais desafiadores do gosto dominante, evidenciam a ilimitada possibilidade de afirmações existenciais diversas e põem em questão o que tem sido hegemônico em termos de gosto e propriedade estética, o que tem notável significado político.

Inês Brasil, outra artista emblemática na esfera que investigamos, autodenominada artista e professora de dança, tornou-se nacionalmente conhecida após diversos vídeos de suas performances serem publicados na internet. Sua “viralização” foi semelhante à do Bonde das Bonecas e, com poucos meses na internet, já passou a ser tomada pela juventude como uma “Diva pop”⁵. Celebridade, que não pode ser reduzida a mero factóide, ou seja, como fato ou

⁴ Viral ou viralização é um termo que foi ressignificado na internet com o crescimento do número de usuários das redes sociais e blogs. A palavra é utilizada para designar os conteúdos que acabam ganhando repercussão (muitas vezes inesperada) na web. O termo é relacionado a uma doença viral, já que as pessoas chegam a compartilhar o conteúdo quase que inconscientemente e instantaneamente, criando uma espécie de “epidemia” na internet, com internautas dos mais variados grupos sociais falando sobre o mesmo assunto.

⁵ Dentro da cultura pop americana, a palavra “Diva” é derivada de deusa ou divindade feminina, então no mundo da música, muitas cantoras começaram a ser chamadas de Divas por seus fãs, tornando as deusas dentro desse meio.

notícia forjada com o intuito de atrair a atenção da opinião pública, Inês tem sido intensamente parafraseada, citada e lembrada em conversas, publicações e compartilhamentos na internet, sobretudo em meio aos jovens. Sua frases e entonação servem para ampliar os limites políticos da língua. O que açodada e superficialmente é tachado e condenado como falha ou erro emerge nos discursos juvenis como força expressiva, como código tribal e fuga da normatividade da língua.

Inês se tornou uma referência para milhares de jovens que repetem as suas falas em contextos diversos. A aparente falta de sentido, o quase escandaloso contraste entre declarações eróticas e exortações religiosas, são rapidamente aprendidos e exaustivamente aproveitados em situações jocosas ou bem-humoradas. A radical liberdade sexual declarada nas falas e performances da artista e sua aparente distância de discursos formatados de correção da língua levam a pensar nas razões de seu sucesso entre inumeráveis jovens de diversas classes sociais e níveis de escolarização. Sua relevância é indiscutível, o que conviria refletir é sobre a oposição que a adesão à “escola Inês Brasil” faz à escola tradicional que reitera normas e limites à língua, à estética e à manifestação pessoal e coletiva.

Refutamos, é importante enfatizar, a ideia de que os artistas aqui destacados - o Bonde e Inês - apenas ocupariam lacunas resultantes da falta de bens culturais outorgados ou de qualidade tradicional. Independente de outras possibilidades culturais, esses artistas possuem espaços legitimados pelo que são e pelo que fazem. Adiantando a nossa hipótese, longe de qualquer participação exótica ou fugaz, os artistas citados ocupariam legitimamente espaços muito especiais da representação das novas gerações, cujos valores estéticos, culturais, afetivos, não são só diferentes das gerações passadas, mas, sobretudo, afirmativos do mosaico de diferenças que caracteriza as juventudes contemporâneas. Os modos de estar e construir seus mundos são, importante também sublinhar, parte das realidades que constituem o “mundo atual”, resultam de combinações, aspirações e percepções em muitos aspectos inéditas.

Como qualquer outro ícone, narrativa, vocabulário e demais criações comuns à comunicação das culturas juvenis, um universo imagético e expressivo, via essas novas “anticelebridades”, floresce e se dissemina entre os jovens. Dentre tudo o que a produção corpo/discurso/performance de Inês Brasil e do Bonde das Bonecas tem em comum com a maioria de seus jovens admiradores, aposta essa pesquisa, destacamos a forma libertária de ver o mundo e de encarar criticamente os preconceitos e o moralismo de toda ordem.



Então “vambora” fazendo!⁶

Essa pesquisa se valeu das vertentes libertárias do pensamento contemporâneo. Provocações teóricas que se entrelaçaram aos debates a respeito das novas configurações sociais que se afirmaram na passagem do século XX ao XXI. Principalmente no que toca à parcela significativa da juventude que vem se manifestando cada vez mais intensamente nas redes sociais. As diversas perspectivas em debate sobre o gênero, sexualidade, raça e etnia envolvidas pela Cultura Visual são, por sua vez, cada vez mais ativadas não só nos debates acadêmicos, mas também nos debates e correntes virtuais que mistura sujeitos de diferentes formações e adesões culturais. Tensões e problematizações que se refletem na gestão das políticas públicas e constituem o corpo temático da pesquisa.

Portanto, buscamos o lastro para a breve trajetória investigativa que ousamos, tanto na literatura outorgada, por meio de autores como Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Michel Foucault, Michel Onfray, Michel Maffesoli, Fernando Hernandez, Raimundo Martins, Irene Tourinho, Raewyn Connell, Guacira Lopes Louro, Michel de Certeau, Jorge Larrosa Bondía, Nicolas Bourriaud, Elisabeth Crouzet-Pavan, Inês Barbosa de Oliveira, Vladimir Safatle, Roger L. Taylor, Nicholas Mirzoeff, Carla dos Santos Mattos, Stuart Hall e Christoph Wulf entre os mais recorrentes quanto no que pudemos tomar como teoria nas falas dos protagonistas da investigação.

Assim, buscamos trazer não só as perspectivas da academia, mas também as da juventude nas redes. Dentre essas propostas, o corpo como universo de criação das coisas e do mundo da Cultura Visual como campo de investigação aberta e multidisciplinar das imagens visuais, de sua fruição, circulação e criação a relevância do cotidiano como campo absoluto dos acontecimentos de interesse da pesquisa, bem como a noção de redes de saberes que nele se realiza.

Quanto ao aspecto metodológico, nos valem da revisão bibliográfica aliada à intensa investigação e coleta de imagens, vídeos e textos publicados na internet, especialmente nos canais específicos do Bonde das Bonecas e de Inês Brasil no Youtube e também em suas

⁶ Outra frase celebre de Inês Brasil pronunciada por ela em um de seus vídeos.

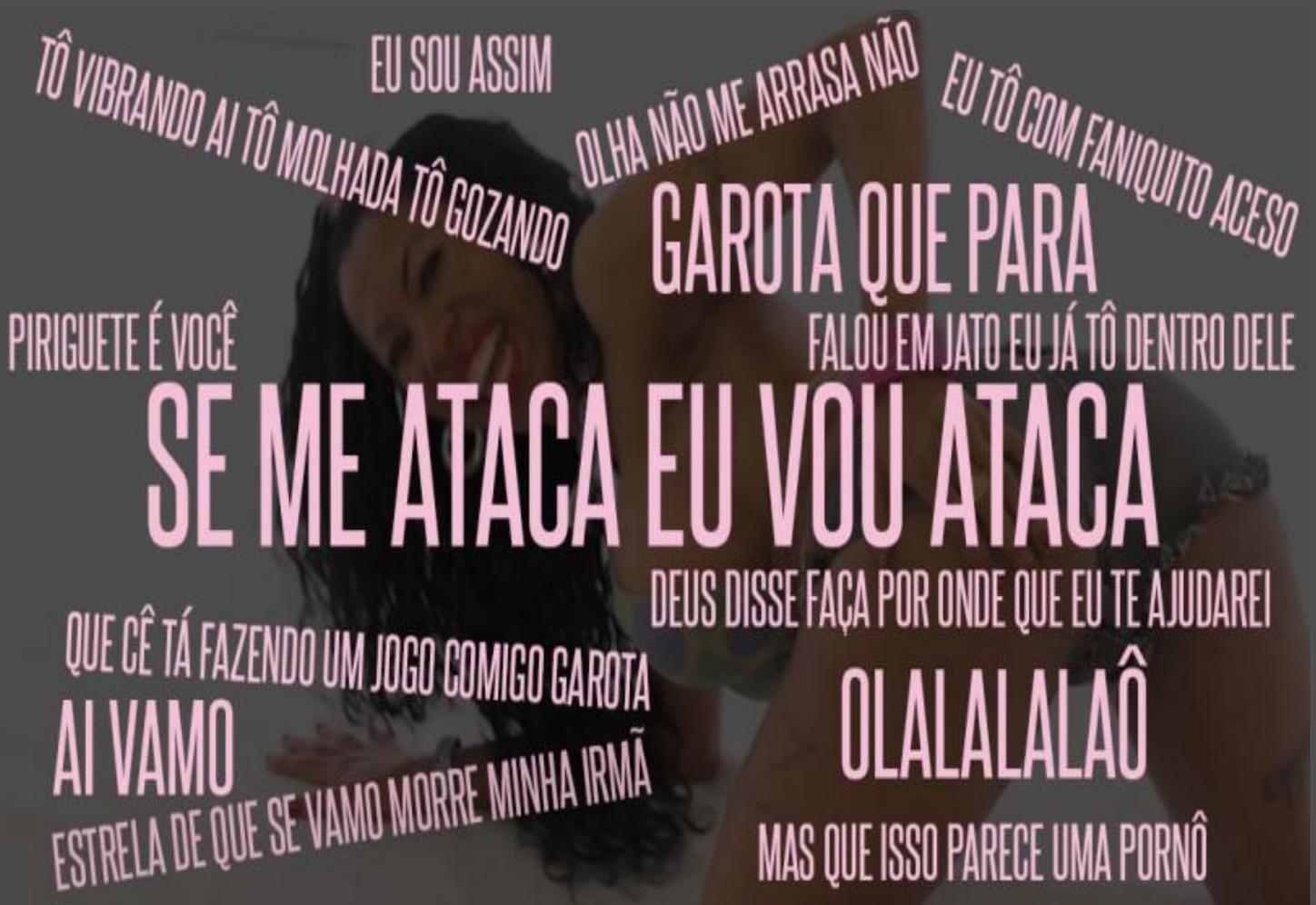
fanpages e redes sociais. Assim, traçamos um elo investigativo sobre as relações que pudemos encontrar.

Nesse momento, vale ressaltar ainda mais que essa pesquisa vem de uma busca prazerosa e que surgiu a partir de uma afetação do autor com esses ícones da juventude, que são Inês e o Bonde, e suas relevantes maneiras de fortalecer a juventude viada, ou seja, os jovens que recusam o caminho e comportamento imposto e avançam por outras vias em busca de suas realizações existenciais. Tais jovens atravessam o planejado, transgridem o pré-formatado para possibilitar meios mais eficazes de defesa perante a todo e qualquer tipo de opressão.



O conceito de *viadagem* é utilizado como misto de ousadia, irreverência e inventividade diante das imposições e punições comuns a uma sociedade que ainda não consegue respeitar a existência do que lhe parece diferente. Logo, é crucial para a compreensão desta dissertação o fato de que a pesquisa não se propôs a falar pelos jovens com os quais dialogou e observou nem por seus ícones, tampouco pretendeu traduzi-los ou reduzi-los a categorizações colonialistas. A pesquisa reflete o desejo de aprofundamento na fruição da energia que afetou seu autor e, por meio do que perscrutou, investigou, considerou e refletiu, busca contribuir positivamente com as iniciativas em defesa das juventudes viadas, dos diferentes.

A pesquisa buscou, em respeito ao campo investigado, incorporar possibilidades das imagens visuais produzidas não só por Inês Brasil e o Bonde das Bonecas, mas também por seus admiradores, seus vídeos, fotografias, performances e músicas, para se tornarem também, e a um só tempo, aquilo que Paulo Freire postula em relação à autêntica prática docente (2015, p.45): uma iniciativa estética e ética.



1 ARRASA VIADO!

Percorrendo a História da Arte, que é também parte da história das imagens, percebemos que a imagem é um dispositivo de força política incontestável tanto sob o aspecto da representação, quanto no da presença pessoal e ou coletiva. As roupas e acessórios que compõem o visual pessoal transmitem mensagens importantes de identificação com semelhantes e também de controle dos corpos. Os uniformes, no que lhe diz respeito, mais que protegerem corpos e ambientes, em fábricas, escolas ou quartéis, funcionam também para afirmar hierarquias, territórios e poderes. O mesmo ocorre com o preparo e circulação das máscaras sociais, entendidas desde o início da civilização humana como o conjunto de elementos que evidencia os papéis sociais predeterminados à vida de cada sujeito. Ou seja, as



máscaras se ligam ao gênero, como o de marido, esposa, pai, mãe, filho, etc.

A suposta defesa à adequação de vestuário e comportamento relativos a ambientes e funções oculta outros interesses e sustentam os mais terríveis argumentos a favor de violências diversas. A esse respeito, podemos e devemos apontar a corriqueira fala machista que atribui à indumentária da mulher a causa de sua agressão e discriminação. Oriunda desta mesma lamentável crença ou política, toda sorte de discriminação é ativada e justificada pela audácia do outro ser o que quer, ou fazer de si o que lhe agrada a despeito dos manuais de conduta e controle que se naturalizou impor. A transgressão às predeterminações sociais e a fuga às tradições que cerceiam a liberdade individual e oprimem o desejo arriscam preços altos, contudo, por outro lado, descortinam possibilidades de existências mais felizes.



Um dos aspectos fascinantes do universo humano que interessa à pesquisa, e representado pelos artistas escolhidos, é a luta que se estabelece a partir da afirmação de suas estéticas e as suas formas de ação. O público majoritário de Inês e do Bonde, como é peculiar às juventudes, projeta suas ações de luta e resistência do próprio corpo. O corpo juvenil, divertido e estetizado, se constitui como dispositivo de luta, das imagens pessoais aos vocabulários criados e utilizados. Os jovens aos quais aludimos, em muitos sentidos periferizados e em sua maioria pobres, transgridem e escapam dos guetos da passividade e transparência que a diagramação da cidade lhes reserva. Sua transgressão começa na insistência em mudar o que lhes é imposto pela pobreza material, afinal ser atingido pela pobreza parece cada vez mais uma transgressão criminosa, ao gênero, à sexualidade e à aparência. Em outros termos, estes jovens descartam as máscaras sociais que lhes foram destinadas, via de regra tingidas pelo cinza da subalternidade.

A riqueza de seus desejos, aqui apontada como energia central na relação da estética com a vida, emerge como franca exigência da autoria de suas existências e de seus abrigos identitários. Estes jovens formam coletivos, criam saberes, invertem, transviam, subvertem e corrompem o discurso que lhes quer fazer estranhos e indesejáveis e, assim, mostram que a

beleza, a correção, o saber e as demais criações humanas são fundamentalmente relativas e só pautáveis por normas e manuais sob a força da violência, ou seja, da covardia.

Assim, nossos interlocutores criam continuamente ressignificações para termos originalmente agressivos, como, “bicha”, “viado”, “trava”, “sapatão”. A corrupção do sentido desses termos originalmente agressivos faz com que essa juventude viada cada vez mais se afirme nas próprias maneiras de existir. Afinal, se a existência em momentos cruciais acontece no enunciado e é reconhecida no nome e na sua pronúncia, a presente pesquisa encontra, apoiada nas visualidades, uma tomada de território através da fala, pela introdução de vocabulários que partem da maldição para invocarem a inclusão dos atingidos pelo nome – xingamento, condenação, estigmatização - na luminosa licitude do real. Real, bem o sabemos, é (ou deve ser) plural e instável. O mesmo se dá com as visualidades: se trata de modos de se construir, de amalgamar suporte e obra, ou seja, a afirmação das imagens que se deseja fulgurar, cuja materialidade rejeitada se transforma, no manejo político da imagem em objeto de identificação, em desejo e orgulho, em moda, estilo e música.

O conceito de visualidade utilizado na pesquisa, como nos estudos da Cultura Visual, é tomado como tessitura complexa que atinge e envolve imagem e contemplador. Deslocando este último da segurança de quem apenas vê para o risco inevitável que corre aquele que edita, complementa e finaliza o que olha. Assim como se dá na incorporação de falas,



reutilização de expressões e afirmação de sotaques e vocabulários, os grupos malditos agregam imagens e modos de veiculá-las. Afinal, todo corpo é imagem em trânsito: a trajetória alegre de suas conquistas no mundo possuem a potência de transfigurar maldição em epifania, por mais fugaz ou transitória que possa parecer. Close ou pinta, mesmo diante de violenta repressão, é um acontecimento positivo que configura a liberdade individual em absoluta pertinência.

Essas imagens, vídeos e performances publicados por essa juventude nas redes sociais se relacionam diretamente com construções e desconstruções identitárias exibindo a plasticidade do que seria o “identitário”. No mesmo fluxo, abrigos identitários são construídos, utilizados e abandonados. A seguir, se tornam lugares ociosos, prontos para o próximo viajante que atravessa os percursos que emaranham visualidades, fraudes e preconceitos.

As realizações imagéticas e discursivas de si sobre si e seus coletivos quebram normatividades sobre gênero e sexualidade. A sua relevância e sentido no jogo dos trânsitos identitários, têm, como observamos, o corpo como elemento central. O corpo é, para esses jovens, um território de embate no qual as imagens impostas e excludentes se chocam com as imagens que lhes fascinam e lhes incluem, se não no âmbito maior da sociedade dominante, em oportunos territórios de afeto. Esses jovens de alegria insurgente e autores de estéticas negadas e rejeitadas se reconfiguram em imagem de aceitação e posicionamento. Como subversão estratégica que dos rejeitos, do lixo das palavras às imagens, é configurada a aceitação de si para seus coletivos.





Sublinhamos que a aceitação a qual aludimos só triunfa por começar nos micros coletivos do qual emergem e, aos poucos, contaminar outras esferas das tribos e, assim, efetivar efeitos positivos para os seus autores. Esse processo não se finaliza nem é controlável, pois as imagens afirmadas a preços altos acabam, muitas vezes, sendo espoliadas pelo maquinário de consumo. Lidar com esta questão, contudo, ultrapassa os limites desta pesquisa, De todo modo, o que interessa considerar é que as realizações emancipatórias, e consideramos assim as produções trabalhadas – discursos, imagens, vídeos e performances de Inês Brasil e do Bonde das Bonecas – sofrem, mais cedo ou mais tarde, certa oxidação regulatória (SANTOS, 2004). Contudo, batalhas são vencidas e territórios, se não conquistados definitivamente, ao menos são desfrutados e atravessados.

A experiência estética que envolve o modo de viver juvenil - com seu manejo das imagens, da autoimagem e seus modos de circulação e vivências coletivas na rede - surge a partir dos recursos mobilizados nas suas produções e, reiteramos, são elementos emblemáticos da rejeição, imagens e contraexemplos da ordem estética e moral hegemônicas (mestiçagem, negritude, obesidade, precariedade material, etc.). Em relação aos artistas do Bonde das Bonecas e Inês Brasil, suas produções recorrem a recursos facilmente encontráveis no universo da Arte, contudo, de efeito político e cultural raramente encontrados com o mesmo sentido no universo da arte outorgada.

Entendemos, ainda recorrendo a algumas concepções de Boaventura de Souza Santos (2004), como a ideia de uma racionalidade estético-expressiva nos será útil para melhor explicitar a valorização dos elementos centrais à pesquisa. A ideia de racionalidade, de Estética e expressividade ou expressão não carregam delimitações que nos impeçam de aproximá-las e identificá-las nas produções e nos protagonistas de nossa aventura investigativa.



1.1 Juventudes

A juventude vem sendo entendida pelas Ciências Sociais como um momento de passagem entre o que se entende como “funções sociais” da infância e as “funções sociais” do que é ser adulto. Ela nunca foi pensada exclusivamente sobre seu aspecto biológico ou também como termo jurídico (LEVI; SCHMITT, 1996). A juventude sempre foi tomada por outros símbolos e valores de determinadas culturas e contextos históricos. É preciso salientar que os indivíduos não estão incluídos somente em grupos etários, eles transitam por momentos distintos. Nesse atravessamento sem tempo definido para início e término, esses sujeitos constituem dentro de sua sociedade uma condição de jovem, caracterizando assim a juventude, *“determinando tanto as atitudes sociais, a atitude dos outros no seu confronto, quanto à visão que os jovens têm de si mesmo”* (LEVI; SCHMITT, 1996).

Sendo a juventude o momento da vida de cada indivíduo que precede a idade adulta, ela é de grande importância para formação do cidadão. Por isso, há também um embate muito grande na sociedade sobre como esse momento deve ser desfrutado. No decorrer dos séculos, muito tem se modificado na concepção das sociedades do que é “melhor” para seus jovens. Entretanto, essa concepção sempre é determinada por indivíduos que não estão mais presentes na juventude. Os adultos definem e cobram de seus jovens que eles entrem nos papéis sociais já estabelecidos pela sociedade. Esses papéis podem variar entre uma exaltação da juventude como o futuro da nação, e que precisa ser cuidado e glorificado. Quando o jovem nega os ideais a eles impostos, ele é visto como um desviante que precisa ser controlado.

Durante muito tempo a juventude era abordada apenas em tratados religiosos e morais (CROUZET-PAVAN, 1996). Livros serviam de manuais para as famílias imporem aos filhos regras de comportamento e deveres. Os termos mais encontrados nesses tratados eram *“restringir”, “moderar”, “governar” e “regular”* - uma evidente maneira de cercear a liberdade e o desejo da juventude, privando-a, assim, de experimentar de novas possibilidades de existência. Ao longo dessa forte regulação, as juventudes deveriam aprender desde cedo os seus papéis sociais, ou seja, o que delas se espera, o que lhes é permitido, o que lhes é negado e o que lhes é exigido.

Google

brinquedo de menina



Todas **Imagens** Shopping Vídeos Notícias Mais Configurações Ferramentas



Brinquedo de Menina da B...



Brinquedo de Bebe Menina



Brinquedo De Menina Casa



Google

brinquedo de menino



Todas **Imagens** Shopping Vídeos Notícias Mais Configurações Ferramentas



Brinquedo De Menino Desenho



Brinquedo De Menino 1 Ano



Brinquedo de M



Quando o bebê ainda esta dentro do ventre da mãe, já se inicia uma busca incessante em se descobrir o sexo do bebê, para já se definir a partir daí não só qual será o nome e a cor do quarto dele, mas também as expectativas de seu futuro na sociedade. Após seu nascimento, a criança, quando possível, terá um quarto de cor rosa ou azul (a depender da conformação de sua genitália). As pessoas designadas meninas receberão bonecas e instrução específicas para incorporarem o gênero decidido. Com os meninos, se aplicará o mesmo procedimento de formação, contudo, direcionado a outra configuração da subjetividade, do comportamento, etc. Assim, eles ganharão carrinhos, armas e incentivos ligados ao estereótipo masculino. Modos e dispositivos vão ensinando a sentar, sorrir, olhar, em suma, estabelecem o roteiro a ser obedecido e a maneira adequada de realiza-lo.

Esta imposição funciona como uma segunda pele aplicada sobre todo o corpo do individuo. As crianças são treinadas diante desses parâmetros em todas as instâncias da vida: na família, na vizinhança, na escola; fazendo com que essa segunda pele passe a funcionar como se fosse natural, e como se as crianças tivessem nascido com elas.

Todo esse aprendizado passado à criança sobre o que é considerado pertinente ao feminino e ao masculino é acirrado ainda mais na adolescência. As máscaras sociais surgem e aderem aos corpos como tatuagens. A sociabilidade infantil permite ainda certa convivência de meninas e meninos em diferentes atividades coletivas. Já na juventude, o fato de haver o aprendizado da aproximação afetivo/sexual (olhar, paquera, “ficar”, namorar), torna os domínios e fronteiras masculinas e femininas mais nítidas, com limites bem definidos e vigilância acirrada. Logo os procedimentos impostos tornam-se cobranças rigorosas e muitas vezes violentas. Os jovens passam a ser cobrados sobre suas atitudes, seus gostos e o cumprimento de deveres quase nunca negociados com alguma simetria entre pais, adultos e as novas gerações em jogo.

Desde muito tempo e em várias sociedades, esse processo de regulação da juventude ocorre e, com ele, a desobediência, por parte das novas gerações, daqueles que não concordam com as imposições sociais que lhe cercam e oprimem. Atualmente, é perceptível o crescimento da não aceitação de certos padrões estabelecidos e cobrados à juventude. Tal fricção ou colisão se dá em diversos aspectos; sexual, de gênero, social e racial. E com isso a juventude é levada a descobrir ou criar maneiras de burlar ainda mais as regras e reivindicar o direito à existência plena na diversidade e liberdade para assumir o que deseje.

Vivemos, entretanto, a necessidade de redefinir o corpo, de pensá-lo para além do esquema cristão (ONFRAY, 2005, p 221), que o condena ao exílio e imobilidade na dualidade, o corpo que se torna substância atômica, e não mero portador de um destino sobre o qual não opinou. O corpo contemporâneo, nos mostra as juventudes, é plano aberto à criação e ao fluxo magnético de energias e forças, é uma substância única, certamente, mas diversamente modificada, atravessada pelas experiências coletivas e fluxos estéticos e surpreende em suas condições ainda inexplicáveis.



1.2 O Bonde: uns entre tantos

O grupo Bonde das Bonecas, constituído apenas por meninos, gays e afeminados, decidiu encenar passos de funk antes coreografados por meninas, regravar canções e também a criar suas próprias canções enaltecendo sua existência. Utilizaram a sua arte para mostrar a beleza da sua diferença e, com isso, criar resistência à cobrança normalizadora do comportamento da juventude. A cada novo vídeo postado ou apresentação em programas de televisão, bailes, etc., o Bonde performava à sua maneira um novo jeito de enaltecer as diferenças que evidenciavam jovens gays, negros, oriundos da periferia e que editam seus visuais na contracorrente do padrão estético dominante. E, dessa forma, ganhavam cada vez mais milhares de curtidas, comentários e compartilhamentos em redes sociais, alcançando maior fama e sucesso.

Ei, psiu, veado!

*O Bonde das Bonecas vai lançando seu recado,
essa daqui é nova é a melo do veado.*

*Joga as mãos pra baixo,
rebolando vai de lado,
o refrão é muito fácil.*

Vai assim ó

*Vai veado! Vai Veado! Vai Veado!
Veado, veado, veado, veado, veado.
Vai veado! Vai Veado! Vai Veado!
Veado, veado, veado, veado, veado.*

*Dançando tu vai veado,
rebolando ate em baixo,
o quadradão é um esculacho.*

Ih arrasou em.

*Dançando tu vai de quadro,
de cabeça pra baixo no espaguete do veado.*

*Vai veado! Vai Veado! Vai Veado!
Veado, veado, veado, veado, veado.*

Ih arrasou em!

*Vai veado! Vai Veado! Vai Veado!
Veado, veado, veado, veado, veado.*

Ih arrasou em!e das Bonecas, 2016)



O prestígio do Bonde das Bonecas não se restringiu ao ambiente e coletivos LGBT, mas, avançou em outros ambientes, entre pessoas que têm acesso aos atuais veículos de informação.

O pessoal do Bonde, assim como muitos outros jovens, reivindicou e enalteceu a libertação dos padrões sociais. Os jovens favelados surpreenderam em suas primeiras performances realizadas em espaços públicos de sua comunidade, pois mostraram que, diante de sua firmeza na realização de seu trabalho, não houve reação desfavorável ou agressiva. Claro que todo material videográfico é editável e mostrará fundamentalmente o que interessa aos seus autores. Contudo, fica evidente a coragem, a alegria e a transviação exemplar desses meninos, o que serve para mostrar que a juventude da qual tratamos cada vez mais encontra maneiras de fazer emergir belezas de onde antes apenas se apontava o erro, o grotesco e o inapropriado.

A performance artística entre esses jovens funciona como um jogo, como uma brincadeira que sempre será uma relação mimética com outras situações anteriores. No caso da coreografia, trata-se de uma cópia/criação de tantas versões circulantes nas redes. A fé no jogo é a condição prévia para que nele a assimilação das imagens imaginárias se realize (WULF, 2013, p.144) e assim a brincadeira, aconteça, a dança seja encenada. A brincadeira, aqui, cria uma irrealidade real, como toda arte o faz, e, com ela, a possibilidade de ir além dos limites duros da vida cotidiana. A performance artística ou lúdica, individual ou coletiva permite viver novas intensidades e, portanto, se estender para além de si mesmo e tornar-se outro, sempre a favor de seus coletivos.

1.3 Embates no Funk

Sendo o Bonde das Bonecas um grupo de funk carioca, é de interesse desta pesquisa entender como se deu o embate entre esse universo musical, muitas vezes considerado machista e homofóbico, e jovens LGBT. O funk no Rio de Janeiro é oriundo das favelas, e teve seu início nos anos de 1970, quando começaram a surgir bailes da pesada - black, soul, shaft ou o próprio funk. Segundo DJ Marlboro (1996), o funk é *“como a maioria de nossas*

influências musicais de ritmo quente, forte, a origem do funk é da música africana e surgiu, inicialmente, com os negros americanos”.

Entre as décadas de 80 e 90, tínhamos então uma predominância de produções masculinas e com um viés de guerra: montagens⁷ de brigas de galeras, “proibições”⁸ de facções, movimento pela paz nos bailes e orgulho de morar nas favelas. Apenas na virada dos anos 2000, quase 30 anos depois, começou a emergir um protagonismo feminino dentro desse universo.

Como parte da tematização e performances erótico-sexual dessa nova temática podemos observar a elaboração de um discurso masculino que procura classificar o corpo das mulheres (popozuda, filé, etc.) e seus comportamentos sexuais (preparadas, tchutchucas, cachorras, danadas). (MATTOS, 2006, p. 42)

Com o repertório da “guerra dos sexos” (MATTOS, 2006) muitos MCs e DJs colocam em suas músicas um viés machista, transformando a mulher em um objeto sexual ou “interesseiras”. Os clipes e apresentações nos Bailes Funk reforçam ainda mais essas ideias, colocando mulheres como figuras decorativas com roupas mínimas e danças lascivas, se contrapondo à figura do homem que, além de ser supervalorizada, é colocada como o “ativo” versus a fêmea “passiva” da relação.

Como já foi colocado no decorrer da pesquisa, em muitas sociedades do mundo, como no Brasil, existe um processo de classificação e hierarquização das pessoas a partir de sua sexualidade e de seu gênero. Um desses processos, bastante disseminado entre as sociedades, é a ideia do homem heterossexual como o “ativo” em uma relação sexual, em dicotomia com a mulher ou o homem homossexual – “bichas” ou “viados” – tidos como socialmente femininos e “passivos” e que adotam o papel exclusivo de recepção ao serem penetrados.

⁷ É um termo utilizado dentro do universo do funk para se referir a músicas que são junções de duas ou mais músicas.

⁸ Versões proibidas que tematizam as letras de facções do crime e as com conteúdo pornográfico. Este repertório é comercializado de forma clandestina e em bailes de favelas por serem espaços e atividades de mercado ilegais/informais.



Nessa dicotomia, surge uma cantora que se propõe a criar um embate a essa objetificação da mulher. Tati Quebra-Barraco (2004) chega com *“Sou cachorra, sou gatinha, não adianta se esquivar, vou soltar a minha fera, eu boto o bicho pra pegar”*, e quebra a imagem de "passiva" da mulher dentro do funk carioca ao se colocar como personagem principal em suas músicas, como mulher “ativa” que *“está podendo pagar hotel pros homens, isso é que é mais importante”*.

Tati consegue, então, através de suas músicas, abrir espaço para que outras cantoras e grupos compostos apenas por mulheres surgissem dentro desse universo que antes era ocupado apenas por homens. A Gaiola das Popozudas é outro exemplo disso. O grupo, criado nos anos 2000, é formado apenas por mulheres e teve, até 2012, Valesca Popozuda como cantora. Em seu repertório, encontramos músicas que valorizavam a imagem da mulher dentro do funk e exaltam a sua liberdade sexual.

*E aí, seu otário,
Só porque não conseguiu foder comigo
Agora tu quer ficar me difamando, né?
Então se liga no papo,
No papo que eu mando.*

*Eu vou te dar um papo,
Vê se para de gracinha.
Eu dou pra quem quiser,
Que a porra da boceta é minha!*

*É minha! É minha!
A porra da boceta é minha!
É minha! É minha!
A porra da*

*Se liga no papo,
No papo que eu mando:
Só porque não dei pra tu
Você quer ficar me exclamando.
Agora, meu amigo,
Vai tocar uma punhetinha,
Porque eu dou pra quem quiser,
Que a porra da boceta é minha.*

*É minha! É minha!
A porra da...
É minha! É minha!
A porra da boceta é minha!
É minha! É minha!
A porra da boceta é minha!
É minha! É minha!
A porra da...
(Gaiola das Popozudas, 2006)*

*Na cama faço de tudo
Sou eu que te dou prazer
Sou profissional do sexo
E vou te mostrar por que*

*Minha buceta é o poder
Minha buceta é o poder*

*Mulher burra fica pobre
Mass eu vou te dizer
Se for inteligente pode até enriquecer*

*Minha buceta é o poder
Minha buceta é o poder
(Gaiola das Popozudas, 2010)*

Nesse contexto, as figuras LGBT - lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e travestis - sempre foram vistas também como “passivas”. Afinal, no entendimento de uma grande parcela da sociedade, o homem gay é aquele que abre mão de sua masculinidade para viver como uma mulher, independente de sua identidade de gênero, pois é entendido que identidade de gênero e orientação sexual são a mesma coisa. No funk, isso não é diferente e é colocado como algo engraçado, grotesco e ofensivo. Chamar alguém de gay dentro do universo do funk carioca foi por muito tempo, uma ofensa, e até hoje, na maioria dos espaços, ainda é.



Lacraia foi uma travesti e dançarina que compôs a dupla com o MC Serginho. Mesmo eles formando o grupo Serginho e Lacraia, ela era apenas sua dançarina e ele, o cantor, integrante principal do grupo. Exemplo disso é a música “Vai Lacraia”, em que ela, apesar de ser a personagem principal retratada na música, era meramente a dançarina, e quem tinha a voz era Serginho.

O Bonde das Bonecas é, então, um dos primeiros grupos de funk carioca formado apenas por LGBTs que se tornou conhecido. Se empoderar⁹ através de performances, vídeos e imagens faz parte desse embate e desses espaços de “minorias” sexuais e de gênero dentro do funk. Suas visualidades corporais no meio virtual estão abrindo possibilidades para novos grupos se inserirem nesse universo que até então não tinham abertura para se emancipar dessa imagem de meramente “passivos”.



⁹ Ideia de dar às pessoas o poder, a liberdade e a informação que lhes permitem tomar decisões e participar ativamente da sociedade de maneira geral.

2 PEDAGOGA DA DIFERENÇA

Quebrando radicalmente invólucros de qualidades geralmente prescritas pela escola em seus currículos tradicionais, moralismo, escolaridade, linguagem normativa, são ignorados por Inês Brasil, personagem que emerge do fulcro da exclusão social - afinal, trata-se de uma ex-prostituta que trabalhou por anos na Europa e vítima, portanto, de todas as condições que antecedem e conduzem centenas de mulheres a tal destino. Ainda assim, Inês produz elementos que a fazem protagonista em um universo cultural, reiteramos, ignorado pela escola, no qual é quase endeusada por seus fãs juvenis, os mesmos que de uma forma ou de outra transitam nas escolas, e nelas realizam ações pedagógicas em franco enriquecimento de suas subjetividades, participando efetivamente de uma escola ativa (em meio a tantas outras invisíveis) dentro da escola institucional, sob o peso das regras da escola imutável.

Nosso propósito, nessa parte da dissertação, é pensar as potências da escola para além de seu arcabouço tradicional, no qual muitos acontecimentos e presenças têm sua grandeza reduzida à exceção. Aqui, a façanha de nossa investigação é perscrutar a escola invisível à escola oficial. Para tanto, propomos pensar que cada instituição escolar é fruto das ações, discursos e entendimentos de suas populações que cotidianamente erigem escolas diferentes no mesmo espaço. Imaginamos que tais ações muitas vezes colidem em função de interesses e crenças de uma escola para a outra.

A escola gerida por adultos, vista e mantida por eles, denominamos de escola oficial. E observamos, no campo, que muitas reclamações e frustrações dos adultos que lá trabalham se dão sem a menor consideração a outra escola que vibra diante de seus corpos, mas por esses não é alcançada. Essa outra escola é a que se instaura nos encontros entre os estudantes, se alicerça nas suas expectativas de narrar e ouvir o que narram seus pares, é a escola que existe sem uniforme, sem reprimendas, castigos ou humilhações. É uma escola fabulosa, que só os estudantes entram e administram. Nessa escola, como em qualquer, se vai para aprender. Seu currículo é intenso e não se configura em papeis e calendários. As atividades simplesmente acontecem e fulguram, feridas, mas sorridentes, entre um golpe e outro da escola oficial. Entre as muitas aprendizagens, a partilha de opiniões e imagens, de descobertas musicais, idas a festas e passeios têm grande relevância.

Nesses encontros, redes de afetos são constituídas, abrigos identitários formulados, vocabulários criados e partilhados, códigos, experiências, procedimentos. Tudo isso com referências estéticas e existenciais às vezes opostas às referências da escola oficial.

É na escola dos estudantes que os artistas que abordamos atuam como referências e, sobretudo, fonte de experiências para se discutir o mundo atual e nele transitar com mais segurança. Nessa escola surpreendente, convém destacar, muitas tribos convivem, como a dos jovens “marimbers¹⁰”, que assumem preferências estéticas e existenciais transgressoras e realizam formações pessoais e coletivas por meio de produção de códigos, ampliação inventiva de vocabulários e do jogo ardiloso de suas aplicações- talvez nada muito diferente do que sempre foi feito por grupos marginalizados, só que o que os diferencia é a impossibilidade de suas reduções a qualquer etiqueta constritora. Os “marimbers” não são viadinhos, maus alunos ou outro tipo de fora da lei escolar oficial. Ou melhor, eles são tudo isso e muito mais, só que no sentido mais vantajoso da exclusão, quando a inadequação deflagra a criação de condições de existência e faz produzirmos qualidade no que é rejeitado e dar novo recheio ao vazio de termos tais como dignidade, identidade, diversidade, etc.



Indagamos então, o que Inês Brasil ensinaria à escola, ou, no mínimo a questionaria e enriqueceria, na medida em que é uma representação afetuosamente afirmada de tantos jovens, sobretudo jovens LGBT, com e sem escolaridade avançada e de capital cultural diverso. No mesmo fluxo desses questionamentos, parece urgente indagar o que ensinariam as visualidades inoportunas, transgêneras, raciais e transculturais, que afirmam a diferença como desfronteiramento conceitual crucial à compreensão do desmoronamento de toda blindagem identitária.

O que nos parece constituir parte da resposta à primeira questão, mesmo que não conclusivamente, seria a relativização da estética moral da pedagogia hegemônica. Uma sorte

¹⁰ Autodenominação dos fãs de Inês retirado de uma de suas falas: “segura a marimba aí, mon amour”.

de contrapedagogia, que aceita o tropeço na pronúncia, o desfalque na gramática, o espancamento da sintaxe, mas, preserva o afeto, não restringe o humor e protege a humanidade, como, de muitas formas, a escola dos estudantes professa e realiza. Aventamos uma pedagogia negada por grande parte das instituições de ensino, a que certamente seria julgada como grotesca e ilegítima no plano moral e estético, relegada à infâmia sem direito a grandes atenções que pudessem levar à percepção de qualquer pertinência e utilidade.

Já a resposta à segunda pergunta seria evidenciar as potências a serem enfrentadas e aproveitadas em um currículo afeito ao século XXI. Ou seja, uma movimentação de componentes da complexidade cultural contemporânea, os quais, embora absolutamente fora das normas moralistas que ainda dominam a escola oficial, desponta como inegável e, certamente, útil potência epistêmica. Já sabemos há algumas décadas, ou séculos, a força do incômodo, do estranho, do anormal, etc. (FOUCAULT, 2001) na reconfiguração do que se tinha como confortável, belo, estável, adequado.



Nosso interesse é, portanto, trazer um elemento aparentemente inusitado e estranho à ambiência curricular, justamente para evidenciar a sua amplitude. O conceito de currículos praticados (OLIVEIRA, 2003) desmonta a visão das práticas escolares que se dão pelo viés dos limites disciplinares e disciplinados e evidencia a plasticidade da ação pedagógica na incontável movimentação do cotidiano, movimentação na qual tudo tem lugar, sentido e ativa participação na formação dos estudantes, mesmo aquilo que a oficialidade escolar condena, exila e desconhece. Geralmente, este é o material valioso que escorre e se adensa na escola não oficial.



*Alô Alô você sabe quem sou eu?
Eu vou te contar, que você não me conhece...
(Brasil, 2012)*

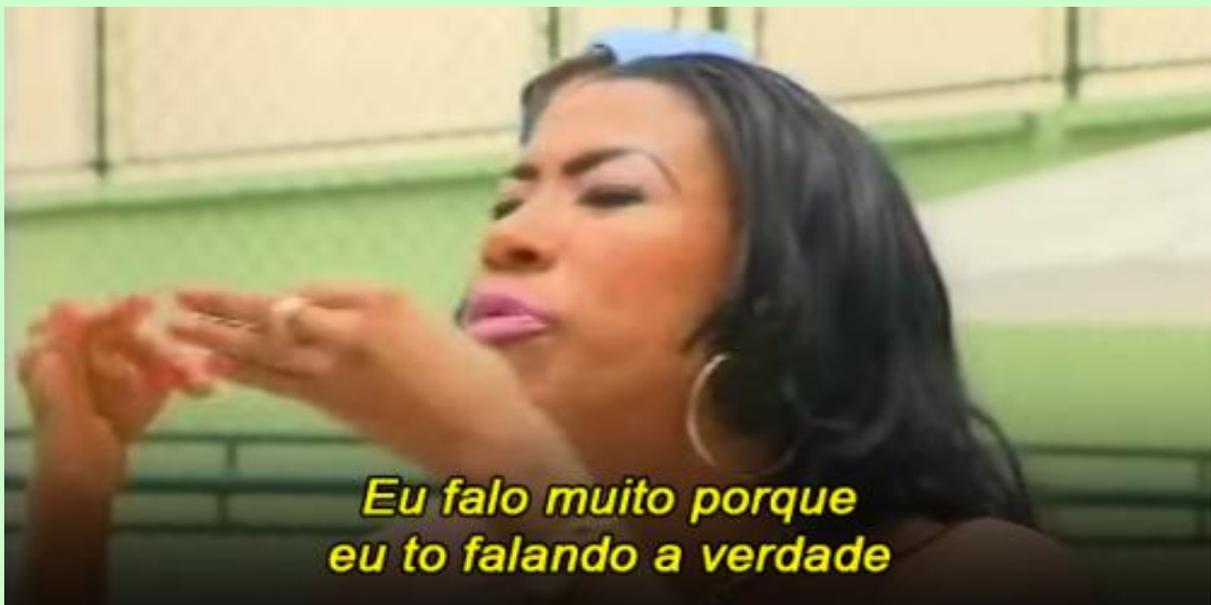
2.1 Inês Brasil, muito prazer!

Inês, através de suas páginas na internet, publica quase que diariamente fotos e vídeos de suas performances, músicas e declarações sobre questões que estão sendo debatidas nas redes sociais. Suas criações, dentre todas as linguagens de que ela se utiliza são, sem sombra de dúvida, acontecimentos artísticos que tornaram-na reconhecida e admirada por significativa parcela da juventude.

Por meio da observação das formas, dos meios e dos recursos que as novas gerações lançam mão para o fortalecimento e realização das suas formações, escolhemos, como afirmamos, um exemplo que demonstra a potência dos currículos independentes das escolas oficiais, pois Inês Brasil oferece sua imagem/obra como matéria útil à criação de saberes, por sua vez, necessários às performances de muitos jovens. Tais performances amalgamam ações individuais e coletivas indiscriminadamente como se caracterizam as movimentações tribais da contemporaneidade (MAFFESOLI, 2000).



A escola como conceito generalista é associada a denominações como disciplina, obediência, ordenação, comportamento, progresso, autocontrole, hierarquia, etc. Estes termos são quase opostos, e muitas vezes antagônicos, a instintos, intuição, improviso, paixão. Ou seja, aspectos crepusculares ou noturnos contrastam com o sentido iluminista da educação formal generalizada, que priorizaria a mente em detrimento do corpo. Razão versus instintos, humores, paixão e desejo: uma impossível oposição de parte do corpo com o seu todo. Reconhecemos, certamente, que a escola universal não existe. Portanto, reconhecemos a impossibilidade de reduzir a singularidade dos inumeráveis espaços e tempos escolares a uma única ideia de escola. O peso da escola emblemática assombra e cerceia, entretanto, a licitude da atualização de muitas das práticas escolares.



O currículo realizado é inexoravelmente, o conjunto de ações que propiciam experiências efetivas (BONDÍA, 2002), sem as quais não há modificação, não há partilha e ampliação de saberes. Contudo, sob a sombra de uma escola impossível - aquela marginal que fortalece a mente e disciplina o corpo -, ações se dão na incondicionalidade da rebeldia do cotidiano (OLIVEIRA, 2003), evidenciando que o currículo é o que aporta ao, viabiliza o, produz e efetiva algum e todo o conhecimento. Isto ocorre seja por meio de alguma operação da razão teatralizada ou ritualizada, seja na surpresa do escândalo decorrente da insurgência do corpo, na segurança da disciplinarização do mundo ou no asselvajamento catártico do corpo, na subversão da linguagem ou na precisão técnica do discurso.

Nessas impossíveis polarizações, o corpo é o coringa inconveniente e imprescindível, e sua gestualidade dispensa a palavra e suspende o sentido. O que o corpo vale e oferece é a presença, e a nossa personagem referência - Inês Brasil - oferece aos seus admiradores exatamente a matéria incontrolável de um corpo em movimento, eufórico e abusado junto ao qual as palavras se desbotam ou tomam outro poder, incorporadas pelos jovens que as reconfiguram em outras órbitas.

Partimos do pressuposto de que a educação formal, independente do grau de participação nos processos formativos, não domina, incólume, a formação dos jovens e futuros cidadãos. Outros elementos interagem, atravessam, enviesam, impregnam, deslocam e reorientam o que se aprende nas escolas. Em outros termos, a busca ou aceitação de outros alicerces formativos, fora do repertório autorizado dos currículos oficiais, evidencia a força das culturas dos estudantes na disputa pela afirmação de formas de existir. Isto implica na involuntária interferência e intervenção no aparato escolar.

O princípio da escola que ainda deseja ensinar tudo a todos a um só tempo e ao mesmo tempo se desmonta diante das culturas permanentemente dinamizadas pelos jovens na sua escola praticada. Nesta, na escola dos estudantes, as práticas se ajustam às verdades de seu tempo, mesmo que ainda subterraneamente na indisciplina, desobediência e transgressão. Estes últimos aspectos têm ganhado relevância na formação dos indivíduos, pois denotam mais que delito, e sim o fortalecimento da subjetividade, os pertencimentos identitários, a afirmação das diferenças, o desenvolvimento dos corpos coletivos, os avanços das redes de subjetividades e, sobretudo, a presença do corpo encarnado.



Inês Brasil
@InesBrasilTV

 Seguir

Quem num tiver erro. Que atire a primeira pedra.

RETWEETS

96

CURTIDAS

118



10:52 - 9 de fev de 2017



9



96



118

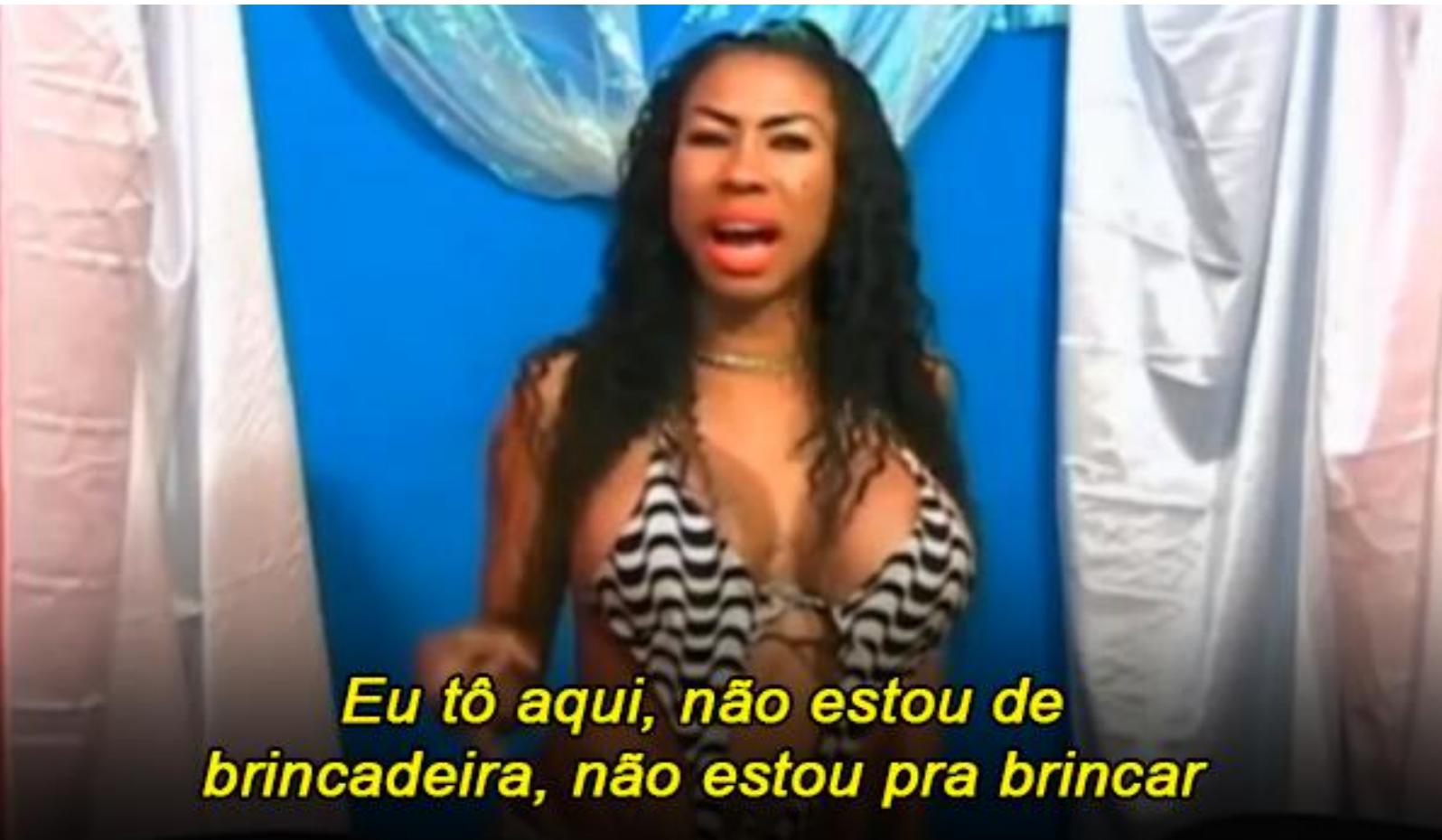


Buscando alguns dos princípios escolares, convém reiterar, nos deparamos com a intenção das investidas curriculares que é aplicar um padrão de saberes a ser alcançado pelos estudantes. O grau de êxito e do rendimento escolar se dá em função da aproximação que cada estudante alcança em relação ao referido padrão, de um modelo de vocabulário, incorporação de certezas, aceitação de valores morais e estéticos, subordinação a uma referência específica de corpo, de sexualidade, de afeto, de saúde, ou seja, de um único e legitimado modelo e padrão de existência. Como qualquer modelo, o que destoia deve ser desconsiderado. E nesse caminho, se dá o sistemático impedimento à participação dos estudantes em decisões e planejamentos que lhe dizem respeito.

Trata-se da ação de uma máquina curricular de ordenação política. Entretanto, esse modelo legitimador da pretensa formação exitosa se esvai diante da circulação célere de elementos radicalmente estranhos aos currículos formais. São elementos virais, complexos demais para serem digeridos pela formalidade institucional. Entretanto, tais elementos são de manejo e jogo fácil e íntimo dos jovens que frequentam as escolas e delas fazem escolas-encontro, uma ressignificação da instituição, encontros assumidos na prática cotidiana curricularmente produtiva e efervescente.



Dentre os aludidos elementos virais, está o universo das imagens visuais, das potências estéticas para além do acervo curricularmente autorizado, ou seja, da Arte e Ciências outorgadas. O plano visual que apontamos é também o universo das imagens corpo, das imagens incomuns, inoportunas e até abjetas, imagens estranhas à escola oficial sujeitada ao currículo frio, mas nada estranhas à escola-encontro, a escola dos estudantes, a escola dos currículos efetivamente praticados e porosos aos coletivos aos quais se destinam e que, por eles, são aproveitados e ampliados.



Eu tô aqui, não estou de brincadeira, não estou pra brincar

As imagens, centrais nos campos teóricos nos quais apoiamos nossa pesquisa, ou seja, a Cultura Visual, é absolutamente relevante na Educação contemporânea, pois são instrumentos necessários ao diálogo e elucidação das visualidades que envolvem todos os processos e meios formativos. A imagem visual resulta do jogo entre a produção e o consumo das imagens, instâncias intercambiantes na medida em que toda percepção visual implica na fabricação do que é visto por aquele que o vê. A narrativa imagética enfrenta duas possibilidades: a sujeição do olhar que a encontra ou a sua reelaboração que muitas vezes

pode implicar na dissolução radical de seu projeto original e o fracasso dos objetivos para os quais foi projetada. A profusão de imagens criadas e circulantes para favorecer o mercado e impulsionar o consumo não pode ser menosprezada nem reduzida aos sentidos de suas formulações originais.

Talvez nenhuma imagem tenha absoluta independência em relação aos olhos de seus interlocutores. Com tal compreensão, não nos propomos a analisar e categorizar as imagens que seduzem e, de formas diversas, se tornam relevantes para o público escolar juvenil. Antes, buscamos reconhecer a importância do trânsito dessas imagens nas consistências curriculares extraoficiais e como podem ser tomadas como elementos de questionamento das sobras de ortodoxia educacional que ainda provocam o admirável e lamentável contraste entre a instituição da formação escolar novecentista e a população estudantil do terceiro milênio.



Como afirmamos anteriormente, Inês Brasil é um dos muitos ícones que as chamadas novas tecnologias de circulação de informações propiciam. Nossa época é marcada por muitos fenômenos surpreendentes, mas, ainda vê repetir a mesma fórmula humana de criar a partir da mimese, ou seja, cada aparente criação traz em si a participação de múltiplas cópias e reconfigurações (WULF, 2013). Podemos perceber na rede o fôlego que uma aparente criação original oferece a tantos outros fins e mesmo à criação de novas imagens. Imagens estas que surgem para fortalecer certas posições e certos postulados, seja nas artes visuais, na arte da performance, na música e em toda manifestação humana individual nas quais se rebatem imposições desde a mais remota ancestralidade. Na época da virtualidade radical, não é diferente.



Inês Brasil

@InesBrasilTV

Seguir

Só no role com os novinhos no mall 🍇🍇🍇
🍇🍇UAAAAAAAAARW



quando a professora da bronca em quem você não gosta

Inês Brasil
46 anos
Professora de dança



3 AS REDES

Distinto de qualquer outro momento da história da humanidade, hoje é possível conversar e enviar textos, imagens, músicas, vídeos, de forma instantânea para uma ou várias pessoas de qualquer parte do mundo mediante ao apoio de um aparelho de celular. Os tempos atuais presenciam uma gigantesca e intensa “viralização” de visualidades. O trânsito de imagens via redes de comunicação virtual alcançam inimaginável volume, trânsito incontrolável que contém todo tipo de imagem. Mirzoeff (2015) destaca que só de *selfies*, houve, em 2013 na Grã-Bretanha, a divulgação de bilhões de imagens! Em meio à atual configuração da cultura visual, imagens que, há algum tempo seriam consideradas incomuns circulam junto a novas maneiras de uso e criação visual. Como exemplificam as imagens dos protagonistas deste estudo, emergem e circulam, muitas vezes carregadas de derrisão e deboche, se oferecendo a apropriações diversas e, assim, contribuindo para a emergência e visibilidade de uma quantidade de jovens que se veem representados e/ou identificados nessas imagens.

Julgamos importante, em benefício do melhor entendimento da dimensão ocupada pela imagem no plano virtual, retomar algumas considerações do autor ainda em relação ao *selfie*. Criação e compartilhamento da imagem que se escolhe para si. Mutável, editável, substituível, enfim, livre na inventividade das redes. No capítulo “*Selfies e a maioria planetária*” (Ibid. p. 63) do seu livro “How to see the world”, o autor observa que, na atualidade de grandes e intensas transformações, as categorias de identidade estão sendo refeitas e reformuladas. Citando o estudioso da teoria queer Jack Halberstam em sua afirmação de que “*os tijolos de construção da identidade humana imaginada e cimentada no último século – o que chamamos de gênero, sexo, raça e classe – mudaram tão radicalmente que uma nova vida pode ser vislumbrada no futuro*”, Mirzoeff afirma que o lugar onde podemos perceber estes vislumbres é a *selfie*. Isto porque, quando as pessoas comuns se produzem e posam da melhor forma que podem para a *selfie*, elas alcançam momentaneamente o papel de *artista-come-herói* (idem). Cada *selfie* seria uma performance, uma criação artística da sua própria imagem, ou seja, da imagem que desejaria ser vista pelos outros. A *selfie*, teria então, adotado a estética tecnologizada do pós-modernismo e adaptada para audiência ilimitada da Internet.

O fato inquestionável é que online ou nas novas interações no mundo real com tecnologia, nós experimentamos o avanço e desdobramento atualizadores da Cultura Visual. Efetivamente, nossos corpos habitam e circulam na rede e no mundo ao mesmo tempo. A despeito dos julgamentos desqualificadores da cultura da performance digital como desastre estético e a obsessão pela autoimagem, o mais importante a ser considerado é a sua novidade e o poder da imagem de criação livre e circulação ilimitada. Portanto, o que já poderíamos afirmar com alguma certeza sobre a interação, uso e exploração da rede global pelos jovens é que ela sempre se modificará de forma frequente e imprevisível. Elas apresentam formas e caminhos que fatalmente poderão não fazer sentido para as gerações antigas e desafiar-las a repensar suas convicções a respeito dos assuntos que os jovens fazem e farão circular na grande rede.

As muitas imagens produzidas pelos jovens e lançadas na rede são fontes indispensáveis para a compreensão da atualidade e, sobretudo, das realidades das juventudes. Vídeos capturados na rede e editados domesticamente, memes, gifs e *selfie* são novas formas de conversação visual digital. As *selfies*, por exemplo, são a primeira forma da nova maioria global se lançar fora do reduzido espaço do indivíduo. E isso é muito significativo. Conforme os estudos apresentados por Mirzoeff (2015) na obra citada,

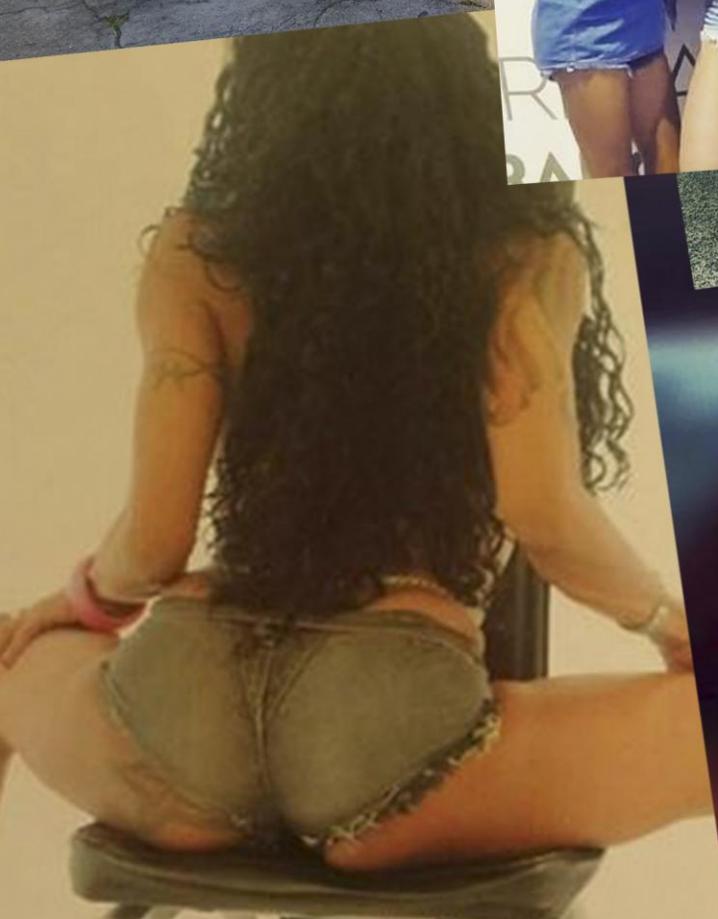
...o fenômeno da “selfie” começou após o lançamento de câmeras frontais de melhor qualidade com o iPhone 4 em 2010, com outros modelos de telefone seguindo rapidamente. Selfies poderiam agora ser tiradas fora de casa ou usando flash sem resultar em um borrão de luz dominando a foto, como as fotos tiradas em espelhos, que eram essenciais na rede social Orkut nos seus tempos áureos de 2004 a 2010. Uma “selfie” é agora entendida como uma foto de si mesmo (ou incluindo a si mesmo) que se tira o próprio segurando a câmera no comprimento do braço. Um vocabulário visual padrão para a selfie padrão tem emergido. Elas saem melhor se tiradas de cima com o sujeito olhando para cima, para a câmera. A foto geralmente concentra no rosto, com o risco de fazer uma “duck face”, que seria “fazer beicinho”. Se você exagerar e sugar suas bochechas demais, voilá, a duck face. Essas poses estão refazendo o autorretrato global. Apesar do nome, a selfie é na verdade sobre grupos sociais...

É evidente que a descoberta das possibilidades da rede e das tecnologias de produção e edição de fotos foi acompanhada pelo desenvolvimento da atenção e habilidades do trato com o visual. Se uma quantidade gigantesca de pessoas busca obedecer aos padrões estéticos

dominantes na elaboração de suas imagens visando objetivos variados, outro grupo encontra na rede e no domínio de seus usos um campo de militância. Portanto, a tendência a compartilhar o que se apontaria como “*selfies feias*” ou *selfies* não-convencionais é também notável.

Enquanto a exposição das autoimagens, ou *selfies* aumentava vertiginosamente, certo pânico moral emergia na mídia (AGGER, 2012). Conforme Mirzoeff (2015) cita em seu livro, um comentário típico, vindo de um comentarista da CNN, um canal a cabo de notícias norte-americano, Roy Peter Clark, dizia: “*Talvez a conotação da selfie seja egoísta, absorva em si mesmo, narcisista, o centro do universo, um salão de espelhos em que cada reflexo é o de si próprio*”. Entretanto, outros captaram a novidade de outra forma não menos discutível, como é o exemplo citado da revista Esquire, também norte-americana, na qual a escritora Stephen Marche declarou que a *selfie* seria a “masturbação da autoimagem”, afirmando, contudo, que isso seria um elogio, pois a realização da *selfie* é controlada e proporciona liberação. Entretanto, tais metáforas distorcem ainda a amplitude do uso e exploração das redes por meio das imagens. “*Narciso passou sua vida olhando para si mesmo, mas ele não liberou uma cópia da sua imagem para que os outros pudessem olhar para ela*” (Ibid, p. 65).

A imagem de si e de seus ídolos ou coletivos remetem inexoravelmente ao compartilhamento. E isso não poderia ser classificado como masturbação, ou seja, algo que acontece na privacidade do indivíduo. Seria, portanto, antes de mais nada, um convite para que os outros curtam, detestem, se sintam provocados, aproximados ou aprendam e reajam. Ou seja, que considerem o que você fez e participem de uma conversação visual. Enfatizando a potência das redes e do panorama no qual nossos protagonistas emergiram e cresceram, destacamos que algo grandioso acontece, como os números sugerem. Apenas na Inglaterra, 35 milhões de *selfies* foram postadas na internet em cada mês do ano de 2013. Na metade de 2014, o Google afirmou que 93 milhões de *selfies* eram postadas mundialmente a cada dia, mais de 30 bilhões em um ano (idem).









Nesse movimentado universo, Inês Brasil e o Bonde das Bonecas se destacam de forma diversa aos grupos musicais e “Divas Pop” apoiados pelo maquinário e capital da indústria do entretenimento, ganhando por seus próprios meios e redes relevância e conquistando o afeto de seus admiradores. No início de suas aparições, sem qualquer apoio comercial, atraíram a atenção e afeto de milhares de jovens, certamente não apenas pelas qualidades comuns às divas eleitas pelas mídias comerciais, mas, sobretudo, pela maneira de afirmar a liberdade que almejam e possibilitam.

A aparente e, sob alguns aspectos concreta, precariedade de condições materiais faz com que Inês e o Bonde recorram a meios alcançáveis e nada sofisticados em termos tecnológicos e estéticos. E eles o fazem com notável inventividade. Essa condição desafiadora para os artistas lhes oferece, entretanto, plena liberdade na construção de suas imagens visuais, liberdade na pronúncia e sotaque de seus discursos e produções poéticas ou artísticas, imagens e falas livres da perícia estética *mainstream*. Isto resulta em muitas formas de improvisação, cujas ousadias redundam na elaboração de estéticas singulares que descortinam a parte mais brilhante e doce de suas existências, pois, as visualidades que realizam são muito familiares, até íntimas dos seus inúmeros interlocutores.

Nossa investigação nos conduz a pensar que as elaborações estéticas, áudio e visuais ecoam mais forte do que discursos racionalizados nas subjetividades dos jovens que acolhem esses artistas, suas imagens, suas visualidades. Cada detalhe visual e discursivo, cada vídeo ou foto aporta uma infinidade de indícios e conexões do universo afetivo e existencial particular às multidões de admiradores dos artistas. Há uma contra estética, ou seja, uma estética que emerge do que os padrões dominantes refutam e condenam ao apagamento - a voz do favelado, a cor do favelado, o corpo da mulher sem recato, a deselegância da pobreza, a abominação da bicha afeminada, a aparência execrável da prostituta pobre, enfim, tudo o que fere e escapa ao controle do regime estético das classes dominantes.

Em nossa pesquisa, percebemos como os admiradores da Inês e do Bonde veem em suas manifestações artísticas verdadeiras possibilidades de fortalecimento de suas diferenças. E não se privam de utilizar e reutilizar essas manifestações dentro da rede através de memes, músicas, vídeos, etc.

Durante a pesquisa, em 12 de fevereiro de 2017, tivemos a oportunidade de realizar uma breve entrevista com Marcos Felipe, jovem de 20 anos e administrador da página no

Facebook @INÊSplicavel, que possui quase 400 mil seguidores, sendo a maior página na rede social para admiradores de Inês Brasil:¹¹

Rodrigo Torres do Nascimento: RTN

Marcos Felipe: MF

RTN: Então, gostaria de saber como surgiu a ideia de criar a página? E como surgiu essa admiração pela Inês Brasil?

MF: *bom, admiração pela inês surgiu pelo fato de ela ser o que todos ver. não é um personagem, espontânea, fala muito de AMOR AO PROXIMO coisa ta faltando hoje, e é engraçada. Ela é uma pessoa de um caráter imenso e a criação da página surgiu do nada KKKK nada pra fazer em casa eu pensando na inês e veio essa ideia do nome INESplicavel no começo eu fiquei meio intrigado porque da trabalho pra ganhar curtidas em página. Mas deu certo! Rs*

RTN: Hahahaha que incrível!! Você acha que se tratando de uma página com conteúdo sobre a Inês, as pessoas tendem a gostar mais? Percebo que a página de vocês é curtida até mais que a página oficial dela. Isso é surpreendente.

MF: *sim, percebo muito isso. Tem uma galera que vem até no chat reclamar que eu posto coisas que não é de humor! Porque tem coisas que eu não aguento mesmo e acabo desabafando aqui na página. Mas coisas sobre ela da muito mais curtidas real impressionante e sim, tenho mais curtidas que sua página oficial KKKKKK é porque derrubaram né a página oficial dela uma vez que tinha 500 mil se não me engano na época ai ela teve que fazer outro e tals mas eu ajudo bastante compartilhando fotos, divulgo ela muito! Percebo que quando eu compartilho coisas dela a curtida da página dela sobre rapidamente. Ate eu fico chocado com isso ate agora não sei porque não verificaram a página dela e eu to com medo de perder a minha mas é isso rs*

MF: *sobe***

RTN: Mas vocês recebem muitas denuncias? 🤔

¹¹ A entrevista foi realizada pelo Facebook e está transcrita na integra.

MF: *olha, não sei rs porque sinceramente nunca chegou recado sobre denuncias ate a mim não*

MF: *mas por exemplo, tem vídeo que são apagados*

MF: *ai o facebook me bloqueia por um tempo*

MF: *acredito que seja por causa de denuncias pelo vídeo*

MF: *ai eu evito de postar muita coisa por causa de perder a página rsss*

RTN: *Muito difícil lidar com isso, eu acho, como uma mensagem de amor, que é o que a Inês mais passa, é censurada assim pelo facebook e umas coisas super com discurso de ódio, não.*

MF: *fico indignado com isso tbm*

MF: *várias páginas ai que não sai de ar super preconceituosas bem maldosas e as engraçadas e que fala do amô são retiradas*

RTN: *Você já conheceu a Inês pessoalmente?*

MF: *ainda não 😞*

RTN: *Estar com ela deve ser uma coisa maravilhosa. Rsr*

MF: *eu vou saber disso em breve*

MF: *fui convidado para participar do clipe dela novo*

MF: *vou conhece-lá, tirar fotos e tals*

MF: *to mega ansioso*

RTN: *ARRASOU! Rs*

RTN: *Parabéns, é uma forma dela também reconhecer seu trabalho na página neh?*

RTN: *Ela é muito maravilhosa!*

MF: *poxa, obrigado rs*

RTN: Você acha que a Inês ajuda os jovens de alguma forma? Principalmente os jovens LGBT?

MF: *cara, eu vejo que sim. ela passa só mensagens positivas sabe?! pra ser nós mesmos sem passar por cima de ninguém e tals acredito que verbalmente ela ajuda bastante por ela ser engraçada alegre as vezes o dia daquele fulano que ta passando problemas com a familia sabe? aquela mensagem dela de momento que parece ser engraçada mas as vezes toca alguém e o ajuda naquele momento então acredito que ela ajuda sim rs*

RTN: Concordo com você 😊

RTN: Bom, é só isso mesmo, vou deixar você em paz rrsrs

RTN: Muito obrigado!



The image shows a screenshot of a Facebook page for 'INÊSplicavel' (@INÊSplicavel22). The page features a profile picture of a woman in a black leather jacket and a cover photo of a woman in a white dress standing in a field, surrounded by classical-style figures. The page layout includes a left sidebar with navigation options like 'Página inicial', 'Publicações', and 'Avaliações'. The main content area shows a post from August 8, 2016, with the text: 'Como de costume, o Facebook diminui o alcance da página em alguns posts e estamos fadados seriamente ao flop. Infelizmente a era Banks chega pra todas (mas isso não quer dizer que o conteúdo seja ruim tá), então vamos ajudar. Se você gostar da página, é só clicar no botãozinho ali marcado para receber a notificação de todos os nossos posts. Se não gosta tem aquele ditado: vamo fazê o que? Sempre teremos videos e posts novos, então se você quer esboçar vários sorrisos dá 1 like logo ali monamour.' The page also displays a 4.7 star rating, a 'Humorista' badge, and a button to 'Recomendar esta Página a seus amigos'.

3.1 Se me atacar, eu vou atacar¹²

A intensa proliferação de imagens e autoimagens revolucionou por completo nossa paisagem visual. Através das redes sociais na internet é possível que um jovem morador das favelas do complexo do Alemão no Rio de Janeiro divulgue seu trabalho fotográfico e seja visualizado por todo o mundo. Essa possibilidade concreta e a todo tempo explorada permite diálogos visuais que superam as barreiras das línguas e caracteriza as redes como poderoso veículo de divulgação, principalmente no meio audiovisual. Cantoras, cantores, grupos musicais e não só esses passaram a ganhar notoriedade através de suas imagens ou músicas publicadas no YouTube, Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, etc, e, assim, alcançam visibilidade global.

Com o Bonde das Bonecas, o que geralmente era visto como uma brincadeira se tornou uma maneira de ser conhecido e respeitado não só no meio virtual, mas em sua comunidade e outros espaços nos quais não transitam pessoalmente. Porém, suas performances atravessam e são curtidas. É justamente essa dimensão que evidencia a potência estética relacional e a poética colaborativa (BOURIAUD, 2006) que interessa à pesquisa destacar e, nos seus limites, elucidar.



Com a intensa viralização das produções artísticas do Bonde, ao entrar em seus perfis e páginas na internet, nos deparamos com grande e variada quantidade de curtidas, comentários e compartilhamentos feitos por um variado perfil de pessoas, crianças, jovens, adultos, homens, mulheres, assumidamente heterossexuais, cisgênero e LGBTs. As reações são diversas, o que também mostra que uma parcela de seus expectadores não gosta necessariamente de suas produções.

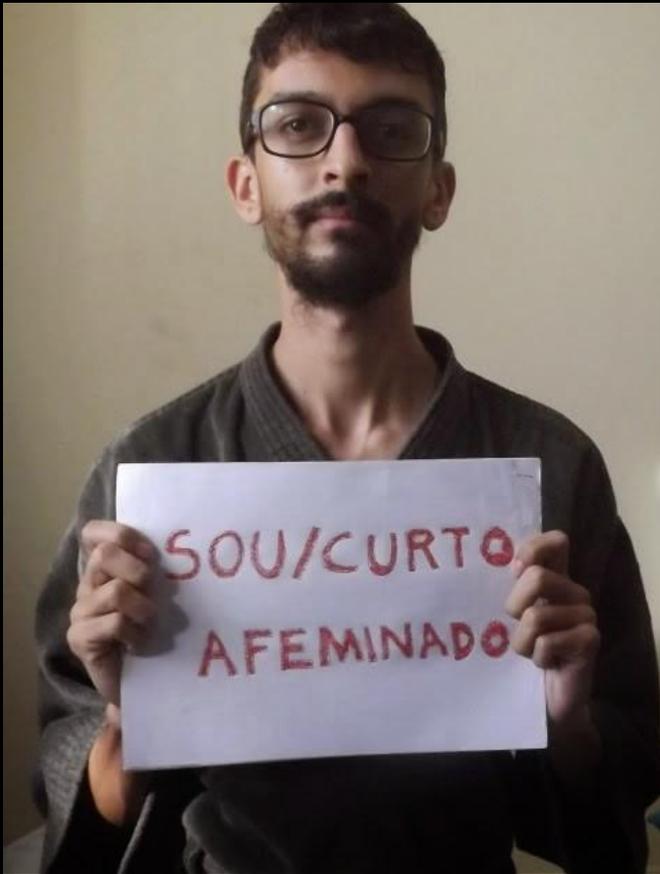
¹² Outra frase celebre de Inês Brasil pronunciada por ela em um de seus vídeos.

A opinião sobre o trabalho do Bonde é diversificada, e até mesmo entre os jovens LGBTs, é perceptível a não unanimidade. Muitos expectadores gays do Bonde desapreciam suas experiências artísticas. Um expressivo número é contra “dar pinta” e ser afeminado, preferem se associar ao padrão heteronormativo¹³ ainda socialmente dominante. Tal escolha, na maioria dos casos se justifica como forma de ser “aceito” mais facilmente e, portanto, não sofrer discriminação ou se colocar em risco de agressões e escárnios. Talvez por isso não aceitam e manifestam até repulsa por jovens cujos comportamentos são radicalmente opostos à dissimulação da condição, realidade ou desejo. Ou seja, jovens que não se privam de expressar aquilo que desejam ou a forma que desejam dar às suas existências. Certamente, o problema é profundo e avança para além dos limites fluídos de uma redutora territorialidade gay. O que estaria em jogo seria o ato de ser humano entre humanos, e ser humano como autocriação, a despeito dos embates entre as várias formas de masculinidade, que é

... uma configuração complexa e contraditória, que diz respeito tanto às relações sociais quanto aos corpos. Isto porque, em um mesmo contexto histórico, apresentam-se diferentes masculinidades e, ao mesmo tempo, cada forma de masculinidade caracteriza-se internamente por contradições e conflitos. No jogo das masculinidades, a hegemonização de um modelo faz-se a partir de várias formas de masculinidade periféricas, pois, em uma estrutura de gênero, para além das relações de poder e de dominação características da relação homem/mulher, processam-se relações de poder, de dominação, de marginalização e de cumplicidade entre os homens. Assim, a hegemonização de um modelo de masculinidade é transitória. Isto ocorre porque um padrão de masculinidade é objeto de contestações, o que leva à sua transformação no decorrer do tempo (CONNELL, 1995).

Entretanto, a “contra-repulsa” também faz peso na rede. A intensa reação e mobilização causada por uma produção de finalidade artística estimula pensar sobre o panorama virtual e a emergência de produções, as quais, independentes de seleções, validações e demais instrumentos de legitimação da obra de arte, alcançam um público notável em número e diversidade e nele provoca e estimula mudanças e ações que podem variar de uma enorme admiração até a forte rejeição.

¹³ Concepção de que as pessoas possuem gêneros distintos e complementares (um binarismo entre homem e mulher) com papéis naturais na sociedade. E veem a heterossexualidade como única orientação sexual possível e normal.



O embate de visualidades divergentes e empoderadas no âmbito público das redes sociais é uma excelente fonte para o entendimento de problemas centrais na sociedade brasileira. Isto porque tal embate exemplifica o preconceito, a homofobia, o racismo e a transfobia que as “minorias¹⁴” sexuais, raciais e de gênero sofrem ao assumirem suas existências e alçar espaços de protagonismo, seja cantando em um vídeo ou posando para uma foto.

Um dos fatores mais importantes que alicerçam a relevância do trabalho dos jovens do Bonde é o exemplo que oferecem de audácia, coragem, possibilidade de sucesso e de afirmação identitária! Apesar dos interditos tradicionais à imagem da pobreza, à homossexualidade e à negritude, a obra dos meninos se dá por meio de criação estética, de muita potência, o que lhes permite vencer, mesmo que provisória e parcialmente, o conservadorismo estruturante da sociedade brasileira.

Em um dos vídeos mais famosos do Bonde no YouTube, por exemplo, o número de pessoas que “não curtiram” o vídeo é um pouco superior ao número de pessoas que “curtiram” o vídeo. Mesmo esse número não sendo exatamente apurado, haja vista que nem todas as mais de 3 milhões de pessoas que assistiram a performance do bonde participaram dessa “pesquisa” feita pelo YouTube, isso é um dado a ser considerado nessa pesquisa, já que demonstra que uma possível maioria das pessoas que assistiram ao trabalho dos jovens funkeiros não gosta desse tipo de performance.

As chamadas “minorias” sexuais são, hoje, muito mais visíveis do que antes, e, por consequência, torna-se mais acirrada a luta entre elas e os grupos conservadores. Esse embate, que merece uma especial atenção de estudiosos/as culturais e educadores/as, torna-se ainda mais complexo se pensarmos que o grande desafio não consiste, apenas, em assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e escaparam dos esquemas binários; mas também em admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira (LOURO, 2001, p. 541).

¹⁴ Grupos sociais que sofrem processos de estigmatização e discriminação, resultando em diversas formas de desigualdade ou exclusão sociais, mesmo quando constituem a maioria numérica de determinada população.



Guacira Lopes Louro fala em seu artigo publicado na Revista de Estudos Feministas (2001) que esses “embates de visibilidades” se tornaram mais acirrados hoje porque as “minorias” sexuais e de gênero são mais visíveis do que antes e o contexto virtual é onde essa visibilidade e esse embate se dá em grande parte do tempo.

Os choques virtuais entre as visibilidades se acirram em vários momentos, já que a “liberdade” dentro da rede é catártica e faz com que as juventudes não se limitem na manifestação de seus desejos e vontades. O jovem, na maioria das vezes, interage nas redes sociais sem medo de represálias. Isso faz com que, ao mesmo tempo, a internet seja algo libertador, mas em certos momentos acaba se tornando um lugar onde o preconceito, o discurso de ódio, o machismo, a homofobia e a transfobia sejam “liberados”. A inconsequência, devido à impunidade e às raras consequências negativas trazidas a quem comente esse tipo de delito, faz com que isso se torne muito frequente.

Muitos dos comentários e respostas que o Bonde das Bonecas recebe em suas publicações os enaltecem e elogiam as suas performances, suas roupas e sua música. Entretanto, outros demonstram sentir repulsa pelo grupo e tentam a todo momento desqualificá-los com piadas racistas e homofóbicas. Esses comentários demonstram como os sentimentos que surgem após a visualização do trabalho do Bonde são plurais, e isso se torna uma confirmação de que a “viralização” nas redes sociais de fato acontece e é relevante, considerando que uma única imagem ou vídeo atinge número tão diverso de pessoas.

Em um imagem publicada pela página do Bonde no Facebook, existem comentários elogiosos ao Bonde mas também comentários ofensivos, alguns até com referências à “cura gay”, já que o período em que ela foi publicada coincidiu também com o momento em que no

Congresso Federal se discutia o projeto de lei de um deputado do PSDB que tornava legal o processo de “cura” de homossexuais no Brasil, prática que proibida pelo Conselho Federal de Psicologia, já que, segundo a Organização Mundial de Saúde, a homossexualidade não é uma doença, logo, não é o caso de cura. Mesmo assim, uma parcela da sociedade, evidentemente, conservadora e preconceituosa, tem forçado através de sua bancada no congresso federal a aprovação desse projeto. Em paralelo a isso, tal corrente tem influenciado diversos internautas a entrarem em uma campanha absurda de “cura” à sexualidade dos outros. Parte dessa campanha tem sido o ataque a pessoas que tomam notoriedade dentro da rede por irem contra qualquer tipo de regulação ou opressão.

Nesse sentido, é interessante pensar como o conservadorismo é intrincadamente ligado ao preconceito e recorre à violência, como se fossem legítimos e aceitáveis a ofensa e agressão física. No mundo virtual, é recorrente o ataque de grupos de “haters¹⁵”, que entram em comunidades, páginas e perfis de pessoas LGBT ou apoiadores das demandas desse movimento social com o único intuito de desqualificar e agredir com expressões ofensivas essas pessoas que, mesmo assim, não se importam de expressar seus desejos de forma livre e, portanto, política.

A resistência a esses “haters” na internet é também presente por parte principalmente da juventude viada, que, mesmo sendo alvo de diversos comentários desrespeitosos, ofensas e perseguições, postam mais e mais vídeos e fotos nas redes. Além disto, novas formas de organização são pensadas e articuladas para que seja possível contrapor o ódio de alguns grupos. A imagem visual ganha contornos de arma na luta virtual. A criação de páginas, campanhas ou grupos no Facebook para servirem de espaço aglutinador dessa juventude tem sido recorrente. Existem hoje diversos deles que servem tanto para a divulgação de fotos e vídeos da juventude, de forma a enaltecer sua beleza e diversidade, mas também para reunir jovens dispostos a disputar espaços e lutar contra o preconceito e opressão.

¹⁵ Termo usado na internet para definir pessoas que postam comentários de ódio ou crítica sem muito critério.



Cartazes & Tirinhas LGBT

@CartazesLgbt

Página inicial

Sobre

Fotos

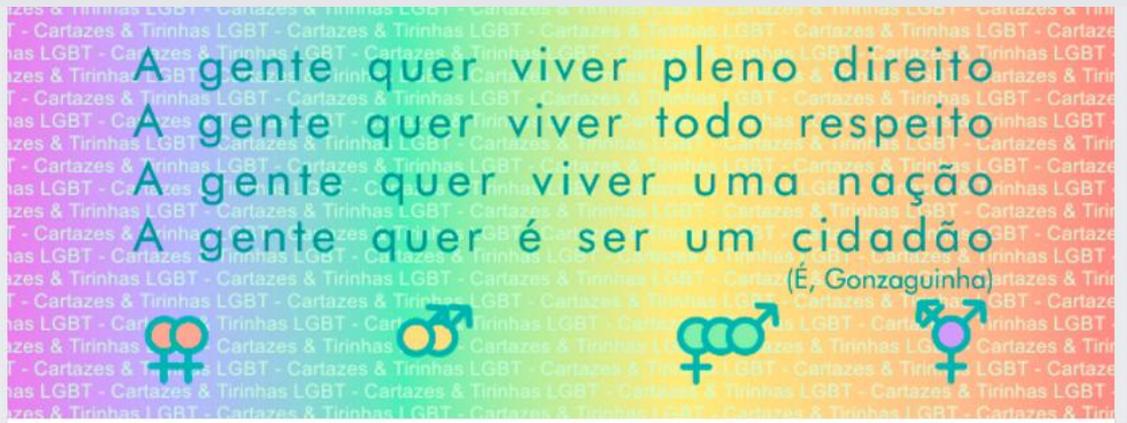
Curtidas

Vídeos

Publicações

Eventos

Criar uma Página



Curtiu Seguindo Compartilhar

Enviar mensagem

Fotos



Gleicy

1 h ·

Eu não consigo entender qual é a dificuldade de compreensão de que o problema não é uma guria branca de turbante... nunca foi "meu turbante ninguém"



Renato Gonçalves

13 min · São Paulo ·

Comunidade



Convidar amigos para curtir esta Página

Cartazes, tirinhas, charges e vídeos LGBT e contra todo tipo de preconceito! Envie sua contribuição por mensagem e vamos combater a ignorância!



648.525 curtidas

Tamires Lopes e outros 175 amigos curtiram isso

Sobre

Ver tudo

TCHLBT

Todos contra a homofobia, a lesbo...

Grupo fechado

Participar do grupo



Participe deste grupo para ver discussões, publicar e comentar.

Participar do grupo

MEMBROS

63.361 membros



DESCRIÇÃO

Seja bem-vindo!

Este grupo foi fundado em 30 de agosto de 2011 para reunir pessoas deístas, ateístas, agnósticas, de todas as etnias, convicções políticas, orientação e identidade de gênero sob uma única bandeira: a da luta contra a homofobia, que compreende a gayfobia, a lesbofobia, a bifobia, entre outras e a transfobia a partir da divulgação e compartilhamento de informações pertinentes ao tema.

Membros (63.361)

Ver todos

Amigos



Luís Arruda



Milton Da Rocha Junior



Robertx Tetsuya



Filipe Espindola



Priscilla Bertucci



Yuri Barcellos



MARIMBERS WORLD

BEM VINDOS AO VALE!

Marimbers World

🔒 Grupo fechado

Participar do grupo

Participe deste grupo para ver discussões, publicar e comentar.

+ Participar do grupo

MEMBROS

12.569 membros



DESCRIÇÃO

BEEEEEM VINDOS MARIMBERS ! ❤️
 Esse grupinho foi feito com o foco na nossa Rainha, Panterona, INES BRASIL !

GRUPO NO WHATS (deixe seu numero neste link) :
<https://m.facebook.com/groups/1048157735259419?view=permalink&id=1090603071014885>

Membros (12.569)

Ver todos

Administradores



Bruna Luisa



Eweer Silva



Marcelo Cabral



Taís Barboza



Laiane Dantas



Thaisa Nogueira



V de Viadão

@festavdv

Página inicial

Sobre

Fotos

Curtidas

Eventos

Vídeos

Publicações

Criar uma Página



👍 Curtiu ▾ 📡 Seguindo ▾ ➦ Compartilhar ⋮

Enviar mensagem

Em destaque para você

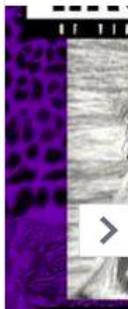
Eduardo Castelo, Nelson Antonio Pinho e outros... ✕



V de Viadão - BERRO de Carnaval!

Sex 23:00 · Rua Prefeito João Felício 31, Santa Teresa, Rio de...

Entrar em co



Taxa de re

Normalmente r

Comunidade

🔍 Procurar publicações nesta Página

7.333 pessoas curtiram isso e 7.246 pessoas estão seguindo isso
 Fabricio Delesderrier e outros 117 amigos

👤 Convidar amigos para curtir esta Página

Sobre

🎵 MÚSICA
 AMOR
 DANÇA
 SODOMIA



As diversas formas que a juventude viada tem encontrado para se fortalecer e se defender são verdadeiras obras de arte dentro do universo virtual. Suas campanhas utilizam uma criatividade diversa para buscarem aquilo que almejam, serem reconhecidos e respeitados. Suas formas de “contra-repulsão” são sempre bem-humoradas, mas sem perder a seriedade da luta por direitos. Isso faz com que seus memes, gifs, fotos, vídeos, etc. viralizem e encontrem em todas as partes companheiros nesse enfrentamento.

A juventude tem conseguido, através da rede e de suas próprias maneiras de luta, gerir espaços cada vez mais autênticos de combate à opressão de forma suave e aglutinadora, em que sua imagem e a de seus ídolos se tornam escudos e espadas. Suas visualidades, libertas de qualquer pudor ou vergonha, são formas de promover seu orgulho dentro da rede para aglutinar mais jovens que anseiam por sua emancipação de qualquer cerceamento. Todos os grupos das ditas “minorias” têm explorado modos de se conectar e se autovalorizar, seja pela publicação de fotos, vídeos, imagens de seus ídolos ou por meio de suas próprias performances. A “viralização” de personagens que assumem as qualidades de suas características e singularidades dentro de uma estética contra hegemônica se torna cada vez mais frequente.



INES BRASIL
PRESIDENTE 2018



INES BRASIL
PRESIDENTE 2018



INÊS BRASIL
Presidente 2018



INÊS BRASIL
Presidente 2018



INES BRASIL
PRESIDENTE 2018



INES BRASIL
PRESIDENTE 2018



INÊS BRASIL
Presidente 2018



INES BRASIL
PRESIDENTE 2018



INES BRASIL
PRESIDENTE 2018



INÊS BRASIL
Presidente 2018

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Fernando Hernández (2011), muitas pessoas consideram que a relação, principalmente dos jovens, com a cultura visual “(*entendida como o espaço de relação dos sujeitos com imagens e representações visuais*)” e popular os desvia do que se considera um “bom caminho” a ser seguido pela juventude. Em muitos ambientes educacionais, fala-se bastante sobre a má influencia que a internet tem no dia a dia das crianças e adolescentes e que os smartphones devem ser proibidos dentro das salas de aula.

Em nossa pesquisa, percebemos que é preciso ampliar as estratégias que fazem parte do acervo educacional (HERNÁNDEZ, 2011, p. 38), não ampliando apenas os objetos da Educação artística com a Cultura Popular, mas de modo a “*favorecer a mudança de posicionamento dos sujeitos de maneira que passem a constituir-se de receptores ou leitores a visualizadores críticos*”. É preciso quebrar as concepções hegemônicas sobre o que são manifestações e práticas artísticas e explorar outras visualidades, principalmente as que se encontram de forma tão efervescente no universo juvenil, para se responder também a questões que estão circulando entre eles.

... não seria a arte-educação tal como a entendemos na atualidade o que nos ajudaria a assumir esse desafio, mas a construção do diálogo com outros relatos dos percursos realizados para construir narrativas visuais que deem conta do processo de indagação que vem sendo levado a cabo... Desta maneira, uma proposta educativa a partir da cultura visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (anticolonizadoras), explorar as experiências (efeitos, relações)... (idem, 2011, p. 44)

Hernández (2011) entende que o Ensino das Artes deve propiciar “*situações e experiências nos quais se possa aprender a estabelecer vínculos entre imagens, objetos, artefatos relacionados com experiências culturais*” e relaciona-los “*com seus contextos de produção, distribuição e recepção, além de com as experiências dos sujeitos*”.

Ao logo da pesquisa, percebemos a intensa relação dos jovens com o mundo das imagens, e como esse universo de trânsito de imagens e informações vence em aplicação e oportunidade qualquer saber outorgado pelos currículos escolares. Imagens de obras de arte tradicionais não são estáveis em sua forma original, poemas, falas e visualidades são

reconfiguradas em benefício das relações que temos com os mundos que atravessamos e nos atravessam. As crianças, os jovens sabem, a despeito das proibições e condenações escolares, a importância das redes e das imagens em suas vidas. Conscientes ou não dos ônus e bônus dessa aventura, parecem aguardar a atualização das escolas que se manifestará, inevitavelmente, por meio do respeito e consideração dos saberes que as novas gerações manejam e criam.

A forma como os grupos de crianças e jovens gays se fortalecem via o uso das imagens em rede é um excelente argumento da fertilidade e pertinência desses currículos clandestinos.



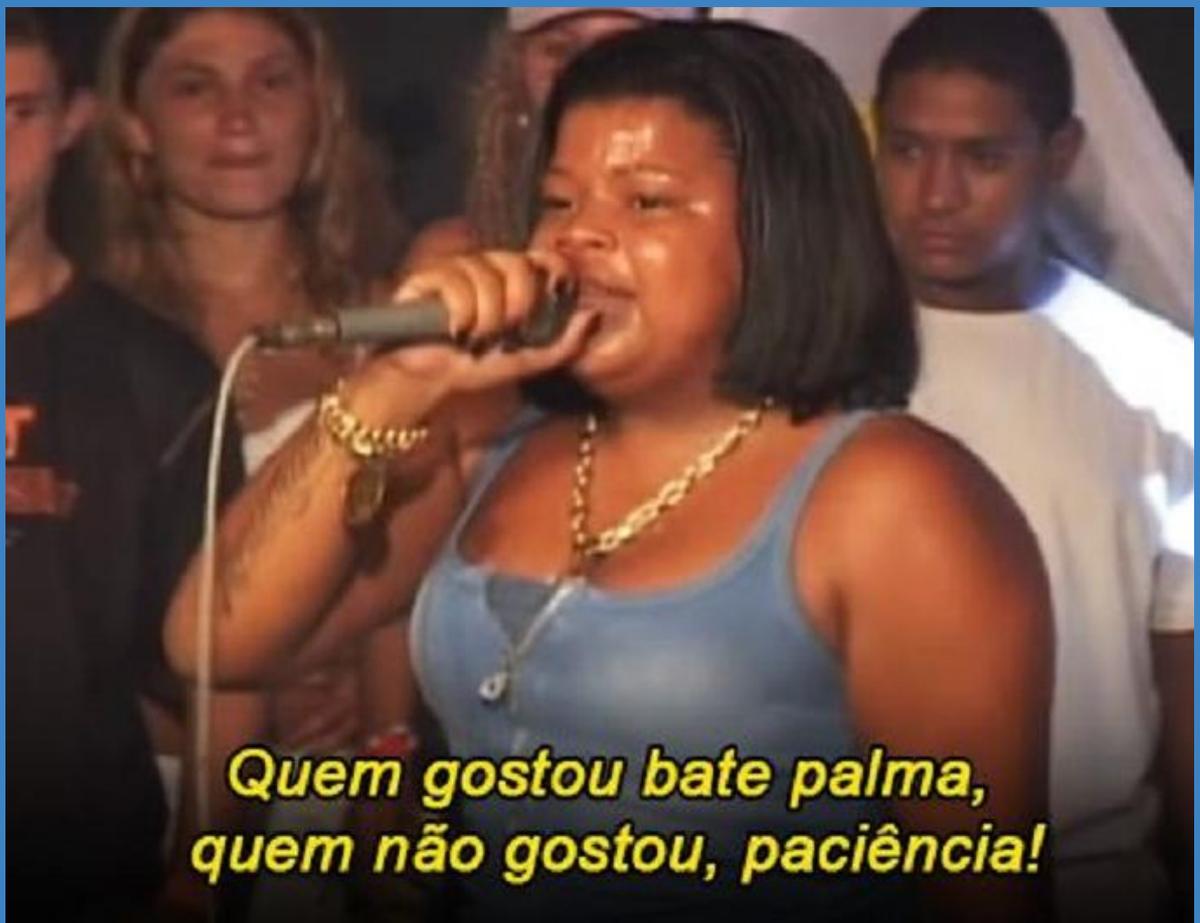
As considerações finais apenas marcam a interrupção de um dos relatos dos resultados desta pesquisa. Não consideramos totalizado e muito menos completo o alcance de seus objetivos, entretanto, os prazos acadêmicos determinam os intervalos. Nossa intenção, ao menos, é poder registrar nesse espaço dissertativo os resultados mais promissores que alcançamos. Assumimos a amálgama do desejo pessoal com o encantamento com as interlocuções, com a face poética deste trabalho e com a possibilidade de se posicionar politicamente a partir dos afetos que nos levaram ao campo. Finalizamos essa dissertação apostando na ideia que a vida dos jovens com os quais dialogamos tem tanta ou mais intensidade poética que qualquer fazer artístico, pois a

... essência da prática artística residiria assim na invenção de relações entre os sujeitos; cada obra de arte em particular seria a proposta para habitar um mundo em comum e o trabalho de cada artista, um feixe de relações com o mundo, que geraria por sua vez outras relações, e assim sucessivamente até o infinito (BOURRIAUD, 2006, p. 144).

Como procuramos expressar nessa pesquisa, é preciso enfatizar o caráter relacional da arte contemporânea (BOURRIAUD, 2006). As experiências e repertórios individuais estão a serviço da construção de significados coletivos, o que faz com que a participação do público seja um fator-chave na ativação ou efetivação de tais propostas. Nesta relação, já se estabelece, para o autor, uma negociação entre os diversos agentes em relação para que a obra aconteça. A obra não necessita ser exatamente um objeto, bastando acontecer ou existir em alguma instância, seja no modo de estar junto com os colegas de turma, nas agruras e alegrias do cotidiano escolar, ou estar aconchegado com milhões de pessoas nas redes virtuais e de afeto.

Aventamos, nessa perspectiva, que os efeitos que permeiam a rede de relações entre os inumeráveis jovens que curtem o Bonde e a Inês, em seus aspectos de potência enquanto experiência e acontecimento estético efetivam os laços colaborativos e a sua substância processual configura uma original obra de arte. Embora não acreditemos que a denominação “arte”, sobretudo diante da contaminação e imiscuidade que tem com o ideário burguês mercantilista e ideológico, seja elogio ou termo qualificador à obra dos protagonistas da pesquisa, o utilizamos no sentido do senso comum que atribui essa denominação ao que é agradável, que satisfaz aos olhos ou colore o dia a dia da sociedade.

Por outro lado, a valorização do reconhecimento à diferença é cada vez mais exigida e, portanto, está cada vez mais dominante no cenário virtual e visual, principalmente nos espaços em que a juventude predomina. Inês Brasil e o Bonde das Bonecas, além de se valorizarem como artistas e sujeitos, provocam questionamentos cruciais à compreensão do desmoronamento das blindagens de valores moralistas e de identidades fixas assentadas no binarismo de gênero, no maniqueísmo moralista e na hierarquia estética. Com suas performances, evidenciam a diferença como elemento estruturante dos coletivos. Afinal, artistas e público, somos todos irmanados, na medida em que vivemos na condição da diferença e da interdependência de sentidos e presenças.



***Quem gostou bate palma,
quem não gostou, paciência!***

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- **Frame de um dos vídeos mais famosos da Inês Brasil publicados no YouTube.** Inês Brasil, (2015).

Imagem 2- **Stickers “emojis” da Inês Brasil.** Acido Divertido, (2015).

Imagem 3- **Fotografia retirada de um show da Inês Brasil.** Inês Brasil, (2016).

Imagem 4- Idem imagem 2.

Imagem 5- **Foto promocional do Bonde das Bonecas.** Bonde das Bonecas, (2014).

Imagem 6- Idem imagem 2.

Imagem 7- **Fotografia retirada no Bloco da Panterona.** Inês Brasil, (2015).

Imagem 8- **Selfie do Bonde das Bonecas.** Bonde das Bonecas, (2013).

Imagem 9- **Montagem com dizeres e fotografia da Inês Brasil.** Blog Forever True Love, (2015).

Imagem 10- **Fotografia do show da Inês Brasil.** Site oficial do Clube Metropole, (Ano desconhecido).

Imagem 11- Idem imagem 2.

Imagem 12- **Imagem do vídeo publicado no YouTube “É AFEMINADO E AINDA USA MAQUIAGEM!”.** Hugo Nasck, (2015).

Imagem 13- Idem imagem 2.

Imagem 14- **Frame do vídeo “Bonde das Bonecas - QUADRADÃO (Nova Formação)”.** Bonde das Bonecas, (2016).

Imagem 15- **Fotografia do Bonde das Bonecas em um programa de televisão brasileira.** Reprodução/Rede Record, (2013).

Imagem 16- **Fotografia de blocos de montar.** Acessibilidade Saúde e Informação, (2014).

Imagem 17- **Print Screen de uma busca realizada no Google.** (2017).

Imagem 18- Idem imagem 17.

Imagem 19- **Montagem de divulgação do Bonde das Bonecas.** Bonde das Bonecas, (2016).

Imagem 20- **Frames do vídeo clipe “Vai Veado!” do Bonde das Bonecas.** Master Power Record's, (2016).

Imagem 21- **Fotografia de um show da Tati Quebra Barraco.** Autor desconhecido, (Ano desconhecido).

- Imagem 22- **Fotografia de Lacreia.** Paolla Serra, (Ano desconhecido).
- Imagem 23- **Frame do vídeo “BONDE DAS BONECAS VIA SHOW”.** Furacão 2000, (2013).
- Imagem 24- Idem imagem 2.
- Imagem 25- **Print Screen de um tweet da Inês Brasil no Twitter.** (2017).
- Imagem 26- **Fotografia da Inês Brasil.** Perfil da Inês Brasil no Instagram, (2015).
- Imagem 27- **Frame de um vídeo da Inês Brasil no YouTube.** Inês Brasil, (2014).
- Imagem 28- Idem imagem 27.
- Imagem 29- Idem imagem 25.
- Imagem 30- **Frames do vídeo clipe “Make Love” da Inês Brasil.** Inês Brasil, (2016).
- Imagem 31- Idem imagem 27.
- Imagem 32- Idem imagem 27.
- Imagem 33- Idem imagem 2.
- Imagem 34- Idem imagem 25.
- Imagem 35- **Meme com a imagem da Inês Brasil.** Autor desconhecido, (2016).
- Imagem 36- **Caderno confeccionado com imagens da Inês Brasil.** Autor Desconhecido, (2016).
- Imagem 37- Idem imagem 35.
- Imagem 38- Idem imagem 36.
- Imagem 39- **Montagem com selfies da Inês Brasil e do Bonde das Bonecas.** (2016).
- Imagem 40- Idem imagem 39.
- Imagem 41- Idem imagem 39.
- Imagem 42- Idem imagem 39.
- Imagem 43- **Print Screen da página INÊSplicavel, a mais famosa da Inês Brasil no Facebook.** (2017).
- Imagem 44- Idem imagem 2.
- Imagem 45- **Fotografia da campanha “Sou/Curto afeminado”.** Sou/Curto Afeminado, (2014).
- Imagem 46- Idem imagem 45.

Imagem 47- Idem imagem 45.

Imagem 48- Idem imagem 45.

Imagem 49- **Fotografia do grupo de Funk Bonde das Bonecas.** Leo Martins, (2013).

Imagem 50- **Print Screen da página Cartazes e Tirinhas LGBT no Facebook.** (2017).

Imagem 51- **Print Screen do grupo Todos contra a homofobia, a lesbofobia e a transfobia no Facebook.** (2016).

Imagem 52- **Print Screen da página V de Viadão no Facebook.** (2017).

Imagem 53- **Print Screen do grupo Marimbers World no Facebook.** (2016).

Imagem 54- Idem imagem 2.

Imagem 55- **Montagem com a imagem oficial da Presidenta Dilma Rousseff e o rosto da Inês Brasil.** Autor desconhecido, (Ano desconhecido).

Imagem 56- **Campanha “Inês Brasil Presidenta 2018”.** Twibbon, (2016).

Imagem 57- Idem imagem 2.

Imagem 58- **Meme feito com um frame de vídeo da Tati Quebra Barraco.** Autor desconhecido, (Ano desconhecido).

REFERÊNCIAS

AGGER, Ben. **Oversharing**: presentations of self in the internet age. Londres: Routledge, 2012.

Bonde das Bonecas. **Vai veado**. Rio de Janeiro: Master Power Record's, 2016

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

BRASIL, Inês. **Alô Alô Vc Sabe Quem Sou Eu - Eu Vou Te Contar Que Vc Não Me Conhece...** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=xIUSM3f0m1s> >. Acesso em: 16 fev. 2017.

CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, n.20, v.2, p.185-206, 1995.

CROUZET-PAVAN, Elisabeth. Uma flor do mal: os jovens na Itália medieval. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens 1**: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, I** : a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade, 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade, 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **Os anormais**. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2013.

GAIOLA DAS POPOZUDAS. **A porra da buceta é minha**. 2006

_____. **Minha buceta é o poder**. 2010.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. 2. reimpr. rev. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

Inês Brasil. **Make love**. Rio de Janeiro: Videobes, 2015.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens 1**: da antiguidade a era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LOURO, Guacira Lopes (Org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARLBORO, Dj. **Dj Marlboro (Por Ele Mesmo)**: o Funk no Brasil. Rio de Janeiro: MAUAD, 1996.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011.

MATTOS, Carla dos Santos. **No ritmo neurótico**: cultura funk e performances 'proibidas' em contexto de violência no Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, rio de Janeiro, 2006.

MIRZOEFF, Nicholas. **How to see the world**: an introduction to images, from self-portraits to selfies, maps to movies, and more. Nova Iorque: Basic Books, 2015.

ONFRAY, Michel. **La puissance d'exister**. Paris: Le livre de poche, 2005.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos praticados**: regulação e emancipação no cotidiano escolar. 2003. Disponível em: <<http://26reuniao.anped.org.br/trabalhos/inesbarbosadeoliveira.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**: um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

Tati Quebra-Barraco. **Boladona**. Rio de Janeiro: Link Records, 2004

_____. **Sou Feia, Mas Tô Na Moda**. Rio de Janeiro: Link Records, 2004.

TAYLOR, Roger L.. **Arte inimiga do povo**. _____, SP: Conrad, 2006.

VICTORIO FILHO, Aldo. Pesquisar o cotidiano é criar metodologias. **Educação e sociedade**, v. 28, n. 98, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a06v2898.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

WULF, Christoph. **Homo Pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. São Paulo: Hedra, 2013.